

A Casa, os Sítios e as Agrovilas:

uma poética do tempo e do espaço no assentamento das terras de Promissão-SP
Teresinha D'Aquino

Como citar: D'AQUINO, T. A Casa, os Sítios e as Agrovilas: uma poética do tempo e do espaço no assentamento das terras de Promissão-SP. *In:* SIMONETTI, M. C. L. (org.) **Assentamentos rurais e cidadania: e a construção de novos espaços de vida.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 15-52. DOI: <https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-142-3.p15-52>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

**A CASA, OS SÍTIOS E AS AGROVILAS:
UMA POÉTICA DO TEMPO E DO ESPAÇO NO
ASSENTAMENTO DAS TERRAS DE PROMISSÃO-SP**

Teresinha D 'Aquino

*“Todo mundo tem um quintal.
É o quintal da infância.
Mais cedo ou mais tarde, ele aparece.”*
(Manoel de Barros)

Esta abordagem do assentamento rural sob a ótica da construção do espaço/tempo a partir da memória da casa como lugar de reprodução familiar, alimenta-se dos devaneios de Bachelard (1991) sobre a terra, à vontade e o repouso.

Chego a esta análise após longa trajetória de estudos sobre luta pela terra e assentamentos no Estado de São Paulo, que tem início em 1987, como parte de pesquisa multidisciplinar. Após ter elaborado um Censo das famílias assentadas, procurou-se recuperar, através de depoimentos, a história e memória dos trabalhadores na luta pela terra e após sua conquista, sob a ótica da ação do Movimento dos Sem Terra e

da construção da nova vida na terra. A pesquisa é realizada no maior assentamento do Estado, o das Fazendas Reunidas, situado no município de Promissão - SP, fruto de um movimento que tem início em 1985 e, depois de muitos embates, resulta na desapropriação da fazenda, em 1986. Em 1987 ocorre o assentamento inicial das 44 famílias que deram início ao movimento e, em julho de 1988, inicia-se o assentamento definitivo das famílias nas dez agrovilas, em lotes de cerca de 15 ha. Estão assentadas hoje 634 famílias não restando nenhum lote vago, neste que é o maior assentamento do Estado de São Paulo, com cerca de 17.000 ha de terra. Nela estão assentados trabalhadores que, expulsos e decepcionados com o “trabalho para os outros”, buscam a terra, como *terra promessa*, ponto de partida e de chegada de muitas lutas, alternativa ao assalariamento na cidade ou no campo.¹

A busca de terra para plantar, colher, viver, morar, é aspiração que move os migrantes que, expulsos aqui e ali, percorreram as fronteiras agrícolas e chegaram à região trazendo a Reforma Agrária como única esperança de obter terra. Para recuperar essas diferentes trajetórias, trabalho com depoimentos que resgatam a memória da luta por terra dos trabalhadores hoje assentados. Trata-se da memória coletiva, a trama que se constrói e constrói o homem, que supõe a existência de uma subjetividade de classe, uma visão de mundo e memória. A memória individual, portanto, está enraizada no meio afetivo, nos quadros de solidariedade múltiplas dentro dos quais cada um se encontra engajado.

Esses trabalhadores, unidos pelo ideal de volta à terra, provenientes de múltiplos lugares, desenraizados, não traziam na memória os mesmos sons, as mesmas lembranças de lugares, cheiros e gentes. A história de migração é uma história de muitos laços rompidos com o “lugar”, os vizinhos, os sons e cheiros familiares, a casa materna e implica até na impossibilidade de peregrinação aos lugares sagrados, aos caminhos, aos percursos da trajetória da alma. Uma vez desenraizados, percorrem um imenso caminho em busca de alternativas para reconstruir suas vidas. O que calça a sua memória?

As falas colhidas na pesquisa parecem indicar que a busca de um lugar, um lugar tido como o seu, o “nosso lugar”, desempenha papel preponderante na luta. Mas este não é um lugar qualquer, é um lugar mítico, construído como local de moradia, de criação-reação da sociabilidade, objeto de trabalho e meio de vida. Por considerar a relação com a Terra-mãe como definidora da identidade dos trabalhadores assentados, privilegio esse eixo de análise no estudo do processo de luta por terra, de assentamento e reconstrução de formas de sociabilidade grupal. A Análise ao longo

¹ Quanto à composição dos assentados da Fazenda Reunidas, originários de 16 estados da federação, sendo que dos 800 titulares selecionados, 62,12% moravam na região sudeste... Eram, na sua maior parte, trabalhadores da região, assalariados permanentes ou temporários dos quais 84% trabalhavam com atividades agrícolas há de 20 anos. Caracterizam-se por extrema diferenciação: ex-bóia-frias, ex-arrendatários, antigos pequenos proprietários expulsos que pelo movimento do capital, quer pelo Estado para a construção de barragens. Tinham experiência com as culturas do café, cana e laranja, culturas (característica da exploração capitalista) e também com a cultura do arroz, feijão, milho, algodão e com o trato de animais. Há a ainda os trabalhadores de origem urbana, oriundos de grandes cidades, filhos ou netos de trabalhadores rurais ou pequenos proprietário de terra.

desse dez anos de pesquisa, teve múltiplos momentos: a expropriação, a luta pela terra, a chegada à nova terra e instalação que significa a reconstrução do “seu lugar”, do seu espaço de relações e de vida. Esse momento se multiplica em dias de plantar, dias de colher, de consumir ou de vender, de comemorar ou de recomeçar... É sobre este último momento que venho falar neste trabalho, centrado na reconstrução da vida familiar, processo que tenho encarado como de construção de um novo modo de vida, agora como assentados.

O eixo central desta análise consiste, portanto, numa busca das diferenciações significativa do ponto de vista da construção de um novo modo de vida, que envolve um conjunto complexo de relações, desde as de vizinhança e com a comunidade inclusiva até as relações com o capital. Todas elas marcam o lugar com vias de comunicação, casas, cercados para hortas e galinhas, espaço para os pomares e barracões para a maquinaria e o armazenamento do produto, locais de uso coletivo como igrejas, salões para festas, rezas e reuniões. As estradas, a forma das casas, a sua distribuição espacial, não passam de vida consolidada, nos ensina o velho mestre Durkheim. Como é que as famílias portadoras de tradições tão diferenciadas estão construindo essas relações e o seu novo LUGAR, num espaço antes vazio (ou ocupado pela mata) e nesse tempo de esperança e luta?

Trabalhar com a família, assentada é, portanto, uma categoria de análise central, pois concebendo que a família é o lugar em que as classes trabalhadoras também se constituem como cultura e identidade², procuro captar o universo cultural e simbólico em que elas estruturam suas práticas e se reproduzem. Coloco a construção do assentamento como parte do projeto de vida familiar e, nesse contexto, a casa, historicamente concebida como *foyer* simboliza o centro do projeto, o lar, a lareira, o local de reunião da família, o ambiente em que a família se reproduz, através da reprodução do corpo e das práticas grupais. A casa, nesse sentido, não é apenas um espaço de organização social. É também espaço de projeção do corpo, um espaço pessoal, um espaço em construção, em que as lembranças de outras moradas estão presentes, articulando as práticas individuais e grupais.

Os estudos orientados para o aspecto simbólico da casa, embasados na relação corpo/casa/reprodução sócio-cultural, são raros. Vale lembrar o trabalho de Naomi Vasconcelos (VASCONCELOS, 1987, p. 103-105), “O corpo, a casa e a sexualidade”, em que, empregando Heidegger, pensa a íntima correspondência entre o tempo e a casa e esta como o lugar de encontro e de solidão. Assinala que algumas pesquisas sobre a casa, no domínio da psicossociologia começam a investigar como se estabelecem às generalizações correntes, a percepção dos objetos, a vida cotidiana, mostrando, por exemplo, “que os planos de vida que uma pessoa formula sobre a vida em geral, sua falta de perspectivas podem ter uma relação simbólica, quase

² Nessa análise combino o conceito de reprodução antropômico de Bertaux, com o conceito de estilo de vida de Bourdieu. As análises de Telles (1995) sobre as famílias trabalhadoras urbanas em São Paulo ajudaram-me na construção do referencial analítico.

sempre ignorada, com a estreiteza da casa, sua falta de conforto, ou ainda com a falta de autonomia em seu domínio ou face à co-habitação”.

A casa, ou melhor, a relação corpo/casa, está presente na construção dos projetos de vida e parece-me mesmo estar no centro desse projeto. No caso estudado por mim, essa casa, simbolicamente compreendida, situa-se na “terra prometida”, o que agrega valores relacionados à terra-mãe, como os de dádiva, fartura, bem-estar e liberdade.

Começo a engatinhar nesse tema, a construção do novo “lugar” e a relação família/corpo/casa/terra, a partir da memória dos assentados e inspirados em Bachelard (1991). Considero este trabalho apenas um primeiro e difícil ensaio, buscando suscitar a discussão da metodologia proposta e dos primeiros resultados desse estudo.

Hoje a gente não fala mais “trem”, a gente fala móveis, né? Mas, naqueles tempos, era “trem”, que vinha a ser um guarda-loucinha, uma mesinha, umas cadeira no meio da sala e na cozinha, outra mesinha. Eu me lembro que a mesa que foi da minha mãe quando ela casou, veio acabarr aqui comigo. Era uma mesinha de madeira e ela me deu. (Dona Teresinha, 38 anos, assentada).

MODOS DE VIDA, MODOS DE SER: TEMPO E ESPAÇO

O “estilo de vida” constitui, segundo Bourdieu (1983, p. 83),

[...] um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou hexis corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo [...].

Constitui, portanto, uma “cultura” adquirida em um grupo homogêneo, produto de disposições objetivamente concertadas, por constituírem a interiorização das estruturas objetivas. As práticas de cada agente social são produto de uma situação e um princípio gerador, o *habitus*: manifestam-se na *hexis* corporal, a mitologia política realizada e incorporada, transformada em disposição permanente, como maneira durável de se comportar, de falar, de andar e, conseqüentemente, de sentir e de pensar.

O *habitus* é, portanto, uma qualidade, no sentido pleno do termo, que realiza nossa relação com o mundo, a matriz do querer-viver societal, como afirma Maffesoli (1988 apud SPENGLER, 1986): “Esse *habitus*, servindo à compreensão da ação e do pensamento do homem no espaço, sempre esteve ‘na origem do conceito de estilo’, que se exprime concretamente no tipo de indumentária, de governo, de comunicação e de circulação de todo dia”.

À prática concebida enquanto relação entre o sujeito e a história a partir da noção de *habitus*, que enfatiza um aprendizado passado, é preciso agregar a mediação entre o sujeito e a história a partir da noção de projeto, que sublinha a especificidade da ação colocada no tempo futuro. Nesse projeto eu ousar destacar a dimensão “sonho”, diluída nas lembranças, na memória individual e grupal e manifesta na luta por uma vida melhor.

Concebendo a relação entre a estrutura e as práticas, como uma relação dialética entre o *habitus* e um projeto grupal, penso os modos de ser e de viver no assentamento como uma construção coletiva, a partir das experiências passadas (lembranças) e dos projetos de futuro (os sonhos), numa dada conjuntura. Empregando esse referencial, examinei as andanças dos trabalhadores em busca de melhores condições de vida como construção de um projeto grupal, pois os trabalhadores se encontram, passam a reunir-se, organizados pela Igreja, partidos políticos e sindicatos e começam a lutar por terra. Já nesse momento surgem diferentes projetos que, suponho, estejam relacionados com os *habitus* dos grupos que os formulam: para as famílias de tradição camponesa, a terra simboliza a última alternativa possível para a reconquista do velho estilo de vida e da autonomia, enquanto para os trabalhadores urbanos ela aparece como alternativa à fome, ao desemprego ou ao cartão de ponto. Organizadas pela CPT ou pelo MST, alguns grupos de trabalhadores expressam na busca de terra própria, também a utopia de construção de uma sociedade mais justa. Esse grupo porta a utopia socialista, um encantamento com a idéia de regeneração da sociedade, numa concepção em que o socialismo não é só uma questão de salários, ou de estômago, mas um completo rearranjo da vida, em sua dimensão social e psíquica.³

A complexa rede de relações que se constrói no assentamento desde o início da luta pela terra coloca, portanto, várias alternativas, calcadas em diferentes concepções da organização da nova vida. As diferentes origens e trajetórias familiares, sua participação/ não participação nos movimentos sociais, refletem-se nos projetos grupais: se para um conjunto de trabalhadores assentados nas Fazendas Reunidas, sua identidade se constrói em torno de um projeto de vida camponês, para outro conjunto de trabalhadores o projeto traçado aponta para a vida em coletividade, ou, no mínimo, para a produção e/ou a comercialização conjunta do produto. Enquanto alguns grupos de trabalhadores buscam as velhas formas de conceber o rural e encontram saídas que aproximam as agrovilas dos velhos bairros rurais paulistas, outros procuram formas modernas, racionais, de organização da produção e da vida.

³ É, antes de mais nada, diz Durkheim, “[...] uma aspiração de rearranjo do corpo social, em sistemas que estenderam suas reivindicações a outras esferas da atividade social, à política, à família, ao casamento, à moral, à arte, à literatura etc. O socialismo integral institui a regra de aplicar o princípio socialista à vida coletiva como um todo.” Uma transformação como essa pregada pelo socialismo iria necessariamente engendrar outros rearranjos em toda a extensão do corpo social: relações conjugais, igualdade jurídica entre os sexos, uma moral mais altruísta etc. o próprio núcleo da vida psíquica seria profundamente alterado (DURKHEIM, 1993, p. 61). Vide também (LOWY, 1992).

O estilo de vida camponês, conjunto de preferências que distinguem algumas famílias assentadas e lhes dá unidade, muitas vezes entra em conflito com o projeto de vida coletivo proposto por outro conjunto de assentados e por mediadores, ao mesmo tempo em que conflita com a visão de agricultores modernos e integrados que os agentes do Estado querem formar. Alguns trabalhadores trazem na bagagem o ideário camponês, enquanto outros, que passaram pela vida urbana e assimilaram as formas racionais de organização e controle da vida, oferecem menor resistência ao controle do tempo e à divisão clara entre vida pública e privada que a organização em cooperativas exige. Mas não é possível leitura linear: muitos assalariados que moravam nas cidades manifestam grande resistência ao “relógio ponto” e referem-se à terra própria como meio de comandar a sua vida. Para esses assentados a terra simboliza a realização do sonho de fartura e autonomia.

Plantar para comer, criar suas galinhas e seus porcos, sua vaquinha de leite, são projetos que buscam realizar. Indagar se essa concepção de vida torna exequível a continuidade das famílias na terra é uma outra questão, da qual não irei tratar neste momento. Agora importa recuperar os sonhos, as lembranças presentes na construção do assentamento, como novo espaço de relação. E, nessa construção, o velho estilo de vida “quando ainda se matava porcos”, é uma das principais referências.

Com o intuito de preservar as diferenciações entre os trabalhadores assentados; tenho procedido sempre a análises comparativas. Dadas as limitações deste trabalho, entretanto, farei apenas uma ligeira análise cruzada dessas diferentes concepções. Analisar rapidamente a construção desses projetos, seus avanços e recuos é um exercício que permitirá fazer precioso contraponto entre as concepções de vida que alicerçam suas práticas. Tomarei como referência o grupo proveniente de Campinas, organizado pelo Movimento dos Sem Terra, em contraste com outros grupos, compostos por trabalhadores que lutaram pela terra organizados pela CPT, ou que chegaram à terra sem luta, “via inscrição do governo”.

O primeiro grupo é composto por ex-arrendatários e parceiros, em sua maior parte, moradores nas cidades da região de Campinas, expropriados de segunda ou terceira geração, tendo passado pelo assalariamento urbano (na construção civil, na metalurgia, no comércio), pelo assalariamento rural e tendo percorrido o país, em busca de terra, neste caso, como uma alternativa de vida mais digna.⁴ O segundo grupo é constituído por trabalhadores rurais expropriados: ex-arrendatários, meeiros e bóias-frias.

Os trabalhadores reunidos na cooperativa, além das casas de moradia construídas em alvenaria possuem também uma cozinha comunitária, uma creche,

⁴ As 350 famílias proveniente de Campinas, em novembro de 1987 acampam à beira da BR-153 são organizados pelo MST. Diante das dificuldades encontradas, o grupo ficou reduzido a 105 famílias, desde outubro de 1992 assentados definitivamente na Comunidade Padre Josimo Tavares. Dessas famílias, 40 formaram a COPAJOTA (Cooperativa de produção Agropecuária Josimo Tavares), morando na agrovila. O restante das famílias decidiu construir suas casas nos lotes individuais.

barracão de máquinas, barracão de reuniões, depósito de armazenagem, horta comunitária, tudo isso construído ao redor da escola. Toda essa organização começou através de um grupo ligado ao Movimento dos Sem Terra, que concebe a organização coletiva como a única alternativa para viabilizar o assentamento. Para esse grupo de trabalhadores, a cooperativa expressava a construção do socialismo, a possibilidade de transformação social vencendo as barreiras do individualismo. Zé Carlinhos, um informante privilegiado para falar da COPAJOTA, assim concebe a organização coletiva:

A gente entende que é bastante complicado consegui mudar a maneira de pensá dos trabalhadores [...] mas a gente entende que vai ser possível [...] Eu acredito que ninguém apóia ninguém apostando no individualismo, então, o próprio partido no qual nós trabalhadores acreditamos, a própria, vamos falar, a esquerda, né? Então nós acreditamos que todo esse apoio vem mais sonhando com a transformação social e que ela não se dá no individualismo. Ele é a mãe da miséria, é a mãe de todo esse estado difícil de vida que nós trabalhadores temos em todas as instâncias. Então nós acreditamos no socialismo [...] O nosso grupo já pesquisamos com companheiro do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, participamos de congresso, conhecendo as experiências [...] Então gradativamente é possível que se mude a cabeça dos companheiros [...]. (Zé Carlinhos, Comunidade Padre Josimo, 1989, em depoimento na Unesp - Marília).

Para o grupo de assentados que Zé Carlinhos representa, a experiência coletiva significa a continuidade, a própria sobrevivência no assentamento. Trabalhavam inicialmente no sistema semi-coletivo, coletivizando as máquinas, o plantio, parte da colheita e a venda dos produtos e o acúmulo de discussão e experiências compartilhadas possibilitou a criação da primeira cooperativa de produção do Assentamento Fazenda Reunidas, a COPAJOTA que é também a primeira experiência nos assentamentos do Estado de São Paulo.

Para organizar a Cooperativa, os trabalhadores estudaram o sistema: participaram de um curso sobre sistema cooperativista, fizeram um encontro de dois dias com as famílias, que acabaram por concluir que a única forma de permanecer na terra, resistir, era pelo sistema cooperativista. Fizeram então o “Laboratório de campo”, experiência proposta pelo MST, durante 35 dias.

Para chegar a maior produtividade no assentamento o MST usa essa pedagogia denominada “laboratório de campo”, em busca de construir um novo universo simbólico que resulte num novo cotidiano. Fatores emocionais do trabalhados para que os indivíduos passem a definir sua vida em termos de coletividade. Os sujeitos têm que definir, de dentro, um novo tipo de vida, e não simplesmente aceitar a lógica do mercado. A organização coletiva tem que expressar um projeto comum, uma relação racional com a terra e uma nova forma de vida. O laboratório termina

quando o grupo assessor se retira, tendo colaborado para a organização do grupo, a divisão de trabalho e a fundação da cooperativa.⁵

Fundada em 29/08/92, a COPAJOTA era integrada, na fundação, por 40 famílias. Em julho de 1994, contava com 85 sócios, 37 famílias e 160 pessoas. Desde agosto de 1994 está reduzida a 17 famílias e 44 sócios. A agrovila, construída em área de 6,05 has, tem casas de alvenaria e conta com energia elétrica, escolas, creches e barracões para reunião etc. Internamente a Cooperativa é organizada em oito setores de trabalho: agricultura, máquinas, pecuária, horta, creche, cozinha, estrutura e administrativo. Cada setor tem um coordenador que junto com a Diretoria, forma o conselho deliberativo.

Embora a cooperativa se constituísse, até 1993, numa experiência que estava dando certo, como fruto de acúmulo de discussão e trabalho, e isso seja visível aos olhos dos outros assentados, ainda havia, entre os outros trabalhadores, uma resistência muito grande com relação a esse tipo de associativismo, onde tudo é compartilhado, o que demonstra o receio de trabalhar “cativo”, na base do controle externo, seja um relógio ponto ou um supervisor da cooperativa. Essa resistência pode ser constatada no depoimento abaixo, de um assentado:

[...] Tem umas cooperativas aí que muita gente tá com medo delas, não quer [...] O grupo de Campinas mesmo, muita gente tem medo [...] Por causa que o lote do cara tem que ficar preso, tem que entregar tudo prá cooperativa. Eu escutei o cara falando que vai ficar como escravo, como era antigamente (risos) [...] Eu achava que era bonito trabalhar tudo junto, né, mas tem vários companheiros que mete a faca nesse ponto aí [...] (Sr. Severlno, assentamento da CESP, 1994).

Outras falas expressam o mesmo medo ao trabalho controlado, “cativo”, o medo de perder a autonomia conquistada com a terra. O senhor Nelson Cardoso expressa a opinião do grupo sobre a COPAJOTA:

Eu não sei, eu não entendo, nunca conversei; com os comandantes dessa cooperativa, mas eu acho que ali a pessoa trabalha cativo. É a mesma coisa que empregado, pelo jeito que ouvi falar [...] nem lá tá dando certo a cooperativa né? [...] a de Campinas diz que tem muito descontrole, num sei [...] parece que é todo mundo em conjunto, até comida em conjunto, né? Tem muitas família que não se dá bem desse jeito, pra mim já não servia também [...]

⁵ O laboratório tinha por objetivos auxiliar “a capacitação massiva, na formação consciência organizativa, iniciando a especialização da mão-de-obra e criar a Cooperativa”. Visava, em última instância, organizar a produção nos assentamentos através de Cooperativas de produção Agropecuária. Para criar essa empresa, os organizadores consideram que é necessário romper com as formas artesanais de produção baseada na divisão natural do trabalho e na divisão social do trabalho, juntamente com os vícios das formas artesanais de trabalho e o seu comportamento ideológico, alçando o que denominam Consistência Organizativa Empresarial. Embasa-se na Teoria das Organizações, que propõe a racionalização das relações em moldes racionais como única alternativa para o sucesso o assentamento. O laboratório contou de cursos, palestras, leitura, audiovisuais, atividades práticas de co-gestão e avaliação. E concebido como uma técnica de engenharia social, em que, “na confrontação entre os sujeitos e os fatores ou elementos objetivos da estrutura social, o processo de aprendizagem culmina na otimização da gestão coletiva de auto-capacitação”

Minha natureza nao serve, porque a pessoa entra ali e é cativo, né? Cativo chega o tempo que eu trabalhei pros outros [...] Trabalhando no lote da gente, a gente precisa de uma coisa, tem um amigo ele serve, se aperta ele serve para ele. Eu acho que a cabeça é livre, é fresca, não tem compromisso. Chega um parente aqui em casa, no meio da semana, chega em casa, se eu trabalho numa associação que nem aquela da cooperativa, eu não posso largar pra vim atender ele, aqui se chega eu faço um servicinho, vou proseando, chega a hora de comer, come junto e tudo bem. (AgroviIa de José Bonifácio, 08/11/994).

Trabalhador assentado na agroviIa de Penápolis, o Sr. Antonio relata outras dificuldades na tentativa de organizar coletivamente as famílias assentadas:

É estranho, o pessoal não aceita mesmo, se for assim o coletivo, ninguém nem comparece [...] Eles alegam o seguinte [...] bom, hoje é difícil porque as alegações são outras uma pessoa vai produzir mais que a outra, sempre aquele problema, né, quer dizer medo, né [...] se diz, faz menos e acaba recebendo igual o outro que faz mais serviço, mas isso é até uma falta de informação, falta de muito esclarecimento, até chegar lá é difícil [...]. (Sr. Antonio da Silva, agroviIa de Penápolis, 1993).

Mesmo para aqueles que aceitam a organização em cooperativa, o nó-górdio da questão do trabalho coletivo num entorno capitalista parece ser o controle das horas trabalhadas e as diferenças de produtividade, em especial as relativas às diferenciações próprias do ciclo vital e do gênero. Paralelamente, a divisão do lucro tem sido outra questão responsável pelos recuos da organização em cooperativas.

A opção cooperativista, enquanto forma de organização e alternativa para viabilizar o assentamento, merece análise mais detida. A cooperativa abriu, para todo o assentamento, um novo leque de expectativas, mas ao mesmo tempo, um novo leque de angústias e de ansiedade e esperança. Novas angústias surgem com a tentativa de transferir para a creche a responsabilidade do cuidado com as crianças. É tentativa de romper com a tradicional família camponesa, com o trabalho familiar, com o trabalho da mulher no lar sempre e, em alguns períodos, na lavoura. Além da necessidade da creche há a necessidade da cozinha comunitária, pois não há mais “tempo a perder” na beira do fogão. Pensa-se já para o futuro próximo, na instalação de uma lavanderia. É a vivência do urbano tomando forma no meio rural, fixando suas raízes que não se perderam na luta pela terra.

Já os trabalhadores individuais querem ultrapassar esse limite, e por isso pensam na cooperativa de comercialização, uma outra forma de gerenciamento da produção. Mas as resistências à coletivização são grandes. O assentamento,

de certa forma, exclui as famílias da miséria absoluta.⁶ O trabalho individual garante-lhes a subsistência, a alimentação, e o suprimento de algumas poucas necessidades com a venda do excedente. Mas os resultados da COPAJOTA têm grande efetiodemonstração. Junto com a boa colheita de grãos hortifrutigranjeiros e animais, a cooperativa deu bons frutos: a cozinha comunitária, as crianças na creche, as mulheres se revezando na creche e na roça, na roça e no trabalho da cozinha comunitária, os jovens se especializando através de cursos de Pedagogia, computação, tecnologia agropecuária etc, com o objetivo de reproduzir o assentamento como uma organização moderna e eficiente.

Nessa agrovila adotou-se um estilo de vida diferente: o conjunto das práticas, desde a produção, a comercialização e até mesmo a vida familiar chegaram a ser coletivizadas, através de creche, cozinha comunitária etc. Em pouco tempo lograram alcançar um padrão de vida que os distingue das outras agrovilas. Surpreende a qualquer observador chegar à Agrovila Pe. Josimo, após percorrer outras agrovilas, em que alguns construíram suas casas de alvenaria, têm carro, enquanto outros ainda estão “na lona”. Após passar pelas instalações da Cooperativa, os armazéns, a creche, os barracões para a maquinaria, chega-se às casas de alvenaria dispostas ao longo de uma rua muito florida. O conforto das casas com geladeiras, mesas, armários e televisores novos contrasta agudamente com algumas moradias de outras agrovilas. Mas, a partir de julho de 1994, a COPAJOTA passa por sérias mudanças, pois discordâncias quanto aos critérios de divisão dos lucros, (que eles insistem em denominar “sobras, ou excedente”, uma vez que para eles uma produção coletiva não dá lucros), levaram ao afastamento de parte das famílias, que voltaram à produção individual, tendo visto como alívio o fato de poderem cozinhar em casa, educar os filhos, produzir individualmente e poderem dispor de seu próprio tempo, sem controle externo, *como* ocorre na Cooperativa.

O controle das horas trabalhadas, o horário de dormir, que na Cooperativa funciona como verdadeiro “toque de recolher”, a proibição do uso de bebida alcoólica no horário do trabalho, no espaço da Cooperativa (que é todo o espaço da Agrovila), o fato de terem que “pagar por um prato de comida para oferecer a um parente ou uma visita” e a impossibilidade de parar o trabalho a hora que quiserem, uma vez que todas as horas de trabalho são controladas e computadas para a repartição “das sobras” ao final do ano agrícola, provocaram sérias reações entre os trabalhadores que optaram por abandoná-la. O processo foi difícil e revelou que o consenso, aparentemente obtido pelo laboratório de campo, funcionou por pouco tempo.

A resistência à coletivização foi provocada, numa primeira análise, por divergências quanto à forma de distribuição do produto e pela questão fundamental

⁶ A melhoria da qualidade de vida dos assentados de Promissão é única: os assentamentos tornaram-se, de fato, uma possibilidade de obtenção de melhor renda familiar em todo o país. Conforme levantamento recente, elaborado pela FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação), a renda familiar dos assentados no país se eleva a 3,7 salários mínimos mensais.

da responsabilidade (grupal ou familiar) de prover a manutenção dos “improdutivos” (velhos, doentes, mulheres grávidas ou no período do pós-parto e crianças).

A cisão, na aparência um retrocesso no processo de construção de uma nova vida na terra, pode significar mais um momento importante de construção da autonomia dos sujeitos envolvidos. Fica evidente que o rompimento não se deu por discordância quanto ao projeto político, nem quanto à eficácia do sistema cooperativista, mas decorreu de divergências de fundo econômico (a divisão do lucro) e divergências calcadas na memória grupal e no novo projeto de vida, mais autônomo, que traçaram para suas vidas na terra.

Segundo informações das pessoas que saíram da Cooperativa, essas famílias não chegavam a receber um salário mínimo ao final do ano agrícola. Segundo a mesma fonte, após a cisão, mesmo tendo que deixar tudo o que acumularam desde a chegada a terra para a Cooperativa, por força do Estatuto, aqueles que saíram no início “estão conseguindo pagar dívida bancária, estão vivendo melhor e mais felizes, porque estão administrando o que é seu”.

A cisão da Cooperativa é interpretada de diferentes maneiras, pelos trabalhadores que nela permanecem ou que a abandonaram. O depoimento abaixo, do Presidente da Cooperativa, reflete a opinião dos que permaneceram na COPAJOTA:

O pessoal que saiu, do meu ponto de vista, foi um pouco por imediatismo mesmo, pois o retorno é sempre demorado na agricultura e no segundo ano eles já saíram. Fizemos um ano só, porque, a impressão é que eles queriam um retorno assim pra comprar um carro, ter uma casa melhor, então eles queriam isso e não conseguiram o domínio da terra [...] Eles queriam eliminar a mão-de-obra obra da mulher e dos jovens também, nem poder de voto eles iam ter, pra decidir algo dentro da cooperativa. Então seria dominado pelos homens, é o machismo. Então houve uma contradição nas propostas [...] Então a proposta era introduzir os jovens e as mulheres na cooperativa, aproveitar a mão-de-obra e a distribuição tinha que ser por quem trabalhava (não por titular do lote) e eles não aceitaram isso.

Manifestando a opinião de quem deixou a Cooperativa, D. Fátima afirma:

É difícil eu contar pra vocês como é que tá esse negócio da Cooperativa. Tá meio enrolado... Eu, indiferente de ter rachado, porque a cooperativa rachou no meio mesmo, saíram mais de 20 pessoas, indiferente disso eu e o meu marido ia mesmo saí pra trabalhar sozinho. Porque pra mim não dava [...] nós queria um caminho, eles queria o caminho deles. Por exemplo, na roça, era necessário 10 pessoas, aí iam 30, mas assim, mulher, criança, então ia marcar muita hora e eu não achava certo. Quando dividia o dinheiro era uma mixaria, era uma tristeza. E aí nós separamos e plantamos nossas coisas separado [...].

Considerando que a creche e outros equipamentos coletivos podem facilitar a vida da mulher, indagamos à informante se eles não faziam falta em sua

vida, agora que saíram da Cooperativa. As declarações revelam que o retorno à vida familiar tradicional foi vivido com muita felicidade e representou verdadeiro alívio para essa trabalhadora:

Nem um pouco. Não porque agora eu estou na minha casa, cuido melhor da minha filha, cuido melhor da minha casa, porque antes trabalhava, tinha que abandonar [...] Tem gente que gosta desse tipo de vida, mas eu não consegui gostar, não. Abandonar filho, sai de manhã com esse peso, deixar ela na creche, na mão dos outros, pra mim não foi bom não. Tá sendo bom agora. Eu cuido da minha filha, da minha casa, faço a minha comida e meu marido trabalha. Eu tive mais lucro. Depois que nós saímos já compramos carro, uma vaca e tá tranqüilo agora. Mas o pessoal não pensa assim, né [...]

Após a cisão a Cooperativa continua avançando na busca de saídas para a questão crucial de acumular e dividir, enquanto o grupo que foi obrigado a sair reorganiza-se em associação para a compra de implementos.

São novas buscas de um estilo de vida no meio rural. Parece bastante razoável afirmar que o desenvolvimento coletivizado da produção, por ser uma forma mais eficiente de organização do trabalho é mais rentável. Porém ele parece provocar desestruturação dos conhecimentos preservados pela memória coletiva enquanto definidora de práticas. A necessidade rege, em certos casos, tais rupturas no modo de pensar a vida na terra, uma vez que os novos rumos econômicos geram novas dependências que geralmente conflitam com valores centrados na autonomia. Para preservá-los, os assentados, em sua maioria, optam por uma produção individualizada. Querem preservar a possibilidade de escolher o que plantar, quando e como trabalhar. A lógica da necessidade enquanto princípio de uso do tempo, opõem os ritmos naturais de trabalho, mesmo que, muitas vezes está escolha implique em trabalhar de sol a sol.

Se entre os assentados de Campinas a opção coletiva está sendo revisitada, entre produtores familiares individuais do assentamento, essa alternativa nunca foi colocada. Ouviram falar do sistema cooperativista, mas reagem francamente a ele, opondo-lhe a imagem de trabalho “cativo”, submetido ao relógio ponto, a toda a forma de controle que a conquista da terra permitiu exorcizar. A percepção interior do tempo e do espaço por parte dos que se concebem como sitiantes, vai se tornando diferenciada da concepção dos cooperados e essas diferenças estão presentes no projeto de vida em construção.

Remetendo-nos às reflexões de Thompson (1989), vale lembrar que entre os séculos XIV e XVII foi se instituindo uma nova percepção do tempo, com a introjeção de um relógio moral nos trabalhadores, que aliou a categoria tempo à idéia de produtividade. Esse relógio moral, ao qual estamos submetidos e ao qual a maior parte dos assentados estava habituada (por terem passado pelo assalariamento rural ou urbano), é substituído, na chegada à terra, pelos tempos largos do ritmo da natureza e pela liberdade no uso do tempo que ausência de patrão simboliza. Mas, na agrovila

de Campinas, o trabalho é controlado por meio do relógio ponto e a remuneração é feita por “hora trabalhada”. Todo o processo de trabalho é racionalizado e gerido pela cooperativa, através dos coordenadores de setor. O trabalhador, do ponto de vista da organização do trabalho, está submetido aos mesmos ditames do trabalho fabril, que impede o controle do trabalho pelo trabalhador. Esta forma, encontrada pelo MST para corroborar no espaço público a viabilidade econômica dos projetos de reforma agrária, é rejeitada pelas famílias assentadas e colocaram a busca de autonomia no centro de seu projeto de vida na terra, optando pela produção em lote individual. Portadores de experiência com culturas tradicionais na região de Promissão, como o algodão, que plantavam como arrendatários ou meeiros, em pouco tempo esses trabalhadores que cultivam seu lote em família, conseguiram adquirir implementos, carro e construíram suas casas. Assalariam esporadicamente algum vizinho, ou mesmo assalariam seus filhos, fora do assentamento, nos períodos em que há pouco trabalho no lote, como estratégia para mantê-lo. Mas a concepção do lote enquanto sítio, espaço de reprodução da família e da liberdade é central em seu imaginário. Aqueles que receberam as piores terras optaram pela criação de gado, no caso de terem trazido pequeno capital ou obtido financiamento ou venderam os seus direitos ao lote.

Para os trabalhadores desse grupo, morar no lote é fundamental: querem cuidar do que é seu, estar perto de suas criações, de sua horta, de seu pomar. As falas colhidas nas pesquisas são fartas de referências à realização desse sonho de autonomia, garantida pela vida no lote. Os trechos abaixo são apenas alguns exemplos:

Aqui tem mais sossego, Tem porco, tem galinha, tem vaca de leite, A gente não é mandado, não é castigado que nem trabalhar para os outros , (Dona Maria Tavares, Agrovila José Bonifácio, 1994).

Minha vida mudou muito, principalmente no modo de trabalhar, porque a gente trabalha à vontade, faz o que a tua cabeça achar que é melhor, o que você gosta. Porque trabalhar de empregado, às vezes tem que fazer coisa que não gosta, aqui não, você vai fazer o que gosta. (Dona Sidney, 41 anos, agrovila José Bonifácio, 1994).

A terra é da gente, a gente colhe e planta o que quer. Foi muito bom, o horário a gente faz, a gente trabalha pra gente. (Dona Floriza, 51 anos, agrovila José Bonifácio, 1994).

Antes, quando nós éramos empregado dos outros, muitas coisas eu queria fazer, mas de que jeito? Plantava uns poucos pés de mandioca no meio do café, que não dava pra nada. Hoje nós fazemos biscoitinho de polvilho a rodo, de tanta mandioca que nós tem. Viche, é um delícia, nossa! Num precisa compra nada pra fazer o biscoito, ovo você tem, gordura você tem, polvilho, você faz. Só compra o sal. Que gostoso que não é, né menina? Eu acho que se melhorar mais estraga, viu? Mas precisa coragem pra fazer, porque é um servicinho meio enjoado, só que eu faço com o maior carinho. (Dona Vanira, 45 anos, Agrovila José Bonifácio, 1994).

Os depoimentos acima revelam que a liberdade de fazer o próprio horário, de planejar e executar com autonomia as atividades de produção e mesmo as mais corriqueiras do dia-a-dia, o cotidiano da vida, aliada à produção para o autoconsumo, que garante fartura, são os símbolos do estilo de vida que escolheram.

Ao controle pessoal do tempo, associam a liberdade de organizar o espaço que constroem paulatinamente, afastando-se, como pudemos observar, de qualquer semelhança com a concepção urbana de casas dispostas ao longo de uma rua. Não há, aparentemente, uma lógica, a não ser a de ocupar o seu lugar, via de regra centralizado na casa, lugar de produção e reprodução do indivíduo, da família e do lote (SHANIN, 1979). Contrastam profundamente com a organização da agrovila do grupo de Campinas, com suas casas ao longo de uma rua. A construção das casas ao longo de uma rua nas agrovilas expressa mudança de mentalidade ou visão de mundo dos trabalhadores organizados pelo MST, que procura salientar as vantagens da reprodução da organização espacial da cidade, trazendo proposta que, de fato, consiste num esforço de regulação da vida dos trabalhadores através da normatização do espaço:

A urbanização que representa a construção das moradias mais próximas, permite quebrar o isolamento social das famílias, cria laços de maior integração social, comunitária e permite o desenvolvimento de inúmeras atividades comunitárias e culturais, de forma permanente. O que não se promove em casas isoladas distantes, pelo contrário, até impede. (GORGEN; STEDILE, 1991, p. 142).

Se, para as famílias cooperadas, o controle estrito do tempo e do espaço passa a expressar a possibilidade de viabilizar a permanência no assentamento e seu sucesso, que se traduz em liberdade conquistada num esforço conjunto, para os assentados que constroem seu projeto em tomo da idéia de sítio, ou “horto” rural essa proposta é inaceitável. Os laços de integração comunitária são alcançados pela via do compadrio do parentesco, das trocas e das rezas. O cimento que une esse grupo é a solidariedade vacinal. E escolha do padroeiro, leilões e quermesses para arrecadar fundos para construção da Igreja, o comércio nas primeiras “vendas” construídas no espaço que seria da agrovila, revelam a concepção do mundo rural centrado na vila, mas disperso pelos lotes. Festas, quermesses e até uma forma de ajuda mútua conhecido por “traição” tem sido lembradas e reaparecem nesse meio. Face à dificuldade de algum vizinho, o grupo se reúne para ajudá-lo na colheita ou plantio, tentando viabilizar sua permanência no lote.

Nessa agrovila o compadrio começa a tecer a teia de relações vicinais e o intercassamento entre filhos de assentados é festejado por todo o grupo, simbolizado a possibilidade de reprodução da família assentada.

As experiências relatadas através dos casos escolhidos revelam a heterogeneidade das práticas e as diferentes concepções de vida construídas cotidianamente pelos trabalhadores assentados. Essas diferenças se manifestam nos hábitos de trabalho, nas formas de disciplina, na relação tempo/espaço/corpo que

gradativamente, vão marcando o lugar e as pessoas. São diferentes estilos de vida em construção.

A terra prometida, agora ocupada e construída como um novo “lugar”, passa a constituir-se como o lugar sagrado que a alma percorre quando os trabalhadores assentados rememoram a luta, a chegada e a construção da nova vida. Nela reconstruem sua vida e constroem-se a si mesmos e à sua identidade, como imagens de si para si e para os outros. Recebidos na chegada como baderneiros, invasores, hoje os assentados consolidam sua identidade como novos moradores da cidade, novos atores sociais que se firmaram como pequenos proprietários inseridos na dinâmica do local, cidadãos bem aceitos pela comunidade, vivendo com dignidade na terra conquistada.

PARA UMA POÉTICA DO TEMPO E ESPAÇO NAS TERRAS DE PROMISSÃO⁷

As Fazendas Reunidas são palco de uma história de longa duração. Ao contar a história pessoal, cada trabalhador conta à história coletiva, que é, também, a história da ocupação/expropriação/reocupação da Fazenda pelos trabalhadores. Há, nas histórias rememoradas e recontadas, até o velho pretense proprietário das terras que, sob a forma de um boi malhado, atormentava os trabalhadores, vagando pelas terras, até ser morto no Natal de 91 e servido como churrasco num banquete festivo para novos comensais, nesse novo tempo: os assentados.⁸

A história é toda baseada em fatos verídicos, que efetivamente se desenrolaram na Fazenda Reunidas e tem seu apoio sempre em imagens espaciais: o rio, a mata, “aquela jabuticabeira”, o ponto do ônibus, os bairros, as Igrejas, os grupos de vizinhança [...]. Afinal, conforme Halbwachs (1990, p. 137), a memória coletiva tem seu ponto de apoio sobre as imagens espaciais, uma relação com o lugar.

As histórias remetem a mitos, o da terra, como fonte de toda a vida e o do trabalho por conta própria, como o único desejado e só realizável na volta a terra.

⁷ Neste item busco trabalhar com a **memória de**, que situa o retido no passado, com a **memória para**, que projeta o passado no presente, trabalhando, trabalhando com o acervo familiar e grupal e sua contribuição para a construção do *habitus*. Por ser este um primeiro ensaio, faço uma tentativa de trabalhar com análise cruzada, empregando a evidência oral como fonte de informações. Dada a riqueza das falas colhidas, seleção dos trechos tornou-se um exercício penoso, o que me impediu de ser absolutamente fiel à metodologia da história oral, proposta inicial deste item.

⁸ O boi malhado é remanescente da boiada colocada pelos pretensos proprietários das terras, como argumento para demonstrar que eram produtivas. Esse fato é parte das histórias contadas pelos trabalhadores, que referem-se ao episódio da “quebra das cercas”. O banquete do boi malhado faz lembrar o mito relatado por Antônio Cândido, nos *Parceiros do Rio Bonito*, ao tratar do que denominou “fome psíquica”, o desejo permanente das misturas queridas, em especial a carne. Essa carência expressa-se no “mito do boi assado”, em que um boi vivo vai correr a terra com um par de talhares fincados, que permitiria a todos matar a fome com a comida predileta a rara, o que representa, para Antônio Cândido, uma inversão da estrutura social. *Parceiros do Rio Bonito* (1964, p. 125, 157, 159). O resgate mítico parece acontecer quando o homem retorna à terra. Vide a respeito do episódio quebra das cercas, BORGES, M. S. L. *Terra, ponto de partida, ponto de chegada*.

Não trabalhar para os outros, essa é a esperança que alicerça os sonhos de terra própria.

Obtida a tem, esses sonhos alicerçam a construção da nova vida. Acompanhando a trajetória dos trabalhadores hoje assentados, neste momento caminho em busca de um referencial teórico que permita trabalhar com um referencial que combina o “novo modo de vida” no meio rural. Trabalho com um referencial que combina conceito de ‘estilo de vida’, Bourdieu, com uma sociologia da família concebida como o lugar em que as classes trabalhadoras constroem sua identidade e subjetividade no cotidiano da vida no assentamento. Isso me remete à reunião dos fragmentos dispersos da vida cotidiana, retalhos do modo de vida em construção, interpretados a partir da memória grupal. De fato alimentar-se, vestir-se, habitar, produzir e reproduzir objetos que o consumo devora são hábitos que fazem parte do cotidiano vivido de maneira quase que inconsciente, que ganham um significado diferente quando realizados num espaço “vazio” de vida social a que se atribui o significado de um “novo espaço” conquistado na luta pela terra.

Trata-se de construir toda a vida, projeto que está centralizado, a meu ver, na construção a memória de outros lugares, vividos em outros tempos, marca os projetos individuais, familiares e grupais. Morar no assentamento se afigura para as famílias recém-chegadas, como um “novo tempo de viver” no qual se invertem as prioridades e, muitas vezes, até mesmo a relação espaço/tempo.

Pensar “assentamento” revela-se, portanto, como um exercício precioso, pois a chegada ao novo “LUGAR” (físico e social) de um número considerável de famílias que passam a ocupar um espaço antes vazio socialmente (embora ocupado pelo latifúndio improdutivo) coloca a necessidade de um exercício de pensar o “novo”, ou seja, a chegada, o assentamento, a construção desse modo de vida.

Esse exercício envolve:

- 1) Um estudo das representações dos trabalhadores sobre o assentamento, como novo lugar de vida e de trabalho;
- 2) Um estudo da família assentada e suas representações centradas na idéia da construção de um projeto de vida que se anteponha à fome, à exclusão social, enquanto experiência de realização de um modo de vida que garanta a sobrevivência e reprodução grupal. Tais representações têm como centro a idéia de uma família unida realizando um projeto de segurança grupal, em um imaginário em que pobreza e exclusão social trazem a marca da desagregação moral e da desordem, numa associação muito freqüente, nas classes trabalhadoras, entre pobreza e crime.⁹

⁹ Vide a respeito da associação entre pobreza e criminalidade nas classes trabalhadoras, o belíssimo artigo de Vera Silva Telles “A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo”, 1992, p. 53, 93.

- 3) Um estudo das representações dos trabalhadores sobre a casa, seu significado no lote bem como da distribuição espacial do lote e da moradia em seu interior ou fora dele, na agrovila. Este estudo resulta da etapa anterior da pesquisa em que pude trabalhar com as diferenciações presentes na organização dos assentados nas diferentes agrovilas, resumidas no item anterior deste trabalho, quando tratamos das trajetórias familiares e projetos grupais;
- 4) Um estudo da memória grupal construída no cotidiano da vida na terra, mas alicerçada na memória da luta e nas experiências que antecedem essa luta, fonte das diferenciações entre os diferentes grupos de famílias assentadas. Sob essa ótica revelam-se, ao primeiro olhar, as diferenças relativas às experiências de vida rural ou urbana, a condição dessa vida, se proletária ou autônoma e até mesmo as diferentes imagens espaciais os trabalhadores portam na chegada a terra. Enfim, trabalhar com o imaginário, com as imagens presentes na memória grupal, revelou-se o melhor caminho para chegar aos sonhos que alicerçam a dura luta pela terra. Nessa concisão, a vida sonhada alicerça o real e dialoga com ele. Sem essa dimensão “sonho” seria muito difícil compreender as agruras pelas quais passam as famílias em sua caminhada em busca de terra para plantar, viver e reproduzir-se...

Para captar sonhos, lembranças, recorri, neste trabalho, a histórias de vida de homens e mulheres hoje assentados nas terras de Promissão-SP. Selecionei trechos dessas falas, em especial de três mulheres, cuja trajetória de vida e de participação na construção da história do assentamento é bem diferenciada: a primeira, dona Teresinha, 38 anos, de origem rural, era assalariada urbana e veio para o assentamento após inscrição, portanto, nunca lutou pela terra, mas a concebe como a realização de um sonho de fartura e liberdade; a segunda, Néia, 43 anos, nascida na cidade, mas vivendo a vida rural desde o casamento, com 18 anos, participou da luta pela terra desde as primeiras articulações via CPT e, uma vez assentada, torna-se uma “feliz sitiante”, deixando de participar do movimento; a terceira, Lurdinha, de origem rural, expropriada, vive a vida urbana, participa dos movimentos de base e torna-se líder do MST, realizando, no assentamento, o projeto de viver em coletividade. Essas diferentes trajetórias marcam a memória, o projeto de vida e o estilo de vida em construção no assentamento. Esta pesquisa está apenas começada e este trabalho é parte dos primeiros resultados a que cheguei.

Investigando a partir dos eixos acima propostos, passei a atribuir papel fundamental à imaginação criadora, que me remeteu à poética de Bachelard, para tratar desses sonhos de ação que ele designa como *devaneios da vontade* (BACHELARD, 1991). Essas *imagens* que *saem do próprio sonho humano* mais presentes quanto mais sólida e positiva, ou “dura” é a matéria, nesse caso a Terra. Também ousei voar nos devaneios de Bachelard (1991, p.87) sobre a Terra e os devaneios do repouso, em especial quando trata das imagens de intimidade presentes na casa:

Seriam precisas longas páginas para expor, em todos os seus caracteres e com todos os seus planos de fundo, a consistência de estar abrigado. São inumeráveis as impressões claras. Contra o frio. contra o calor. contra a tempestade, contra a chuva, a casa é um abrigo evidente, e cada um de nós tem mil variantes em suas lembrança para animar um tema tão simples. Coordenando todas essas impressões e classificando todos esses valores de proteção, perceberíamos que a casa constitui, por assim dizer, um contra-universo, ou um universo do contra. Mas é talvez nas mais frágeis proteções que sentiremos a contribuição dos sonhos de intimidade. Basta pensar, por exemplo, na casa que se ilumina no crepúsculo contra a noite. Logo temos o sentimento de estar no limite dos valores inconscientes e dos valores conscientes, sentimos que tocamos um ponto sensível do orinismo da casa.

Evidentemente trabalhar com essas imagens é apenas uma das dimensões da pesquisa que teve início, conforme já destaquei, num Censo dos trabalhadores assentados, prosseguiu através de histórias de vida dos assentados, para chegar a uma pesquisa sobre “estilo de vida”, a construção da nova vida na terra. Essas diversas metodologias de pesquisa conduzem a equipe de pesquisadores a estudar as diversas dimensões da luta pela terra, vista como um processo de construção de novos sujeitos sociais, mais autônomos, em busca da conquista da cidadania.¹⁰

Assim cheguei à construção de um projeto grupal/familiar, que remete a “sonhos”. Evidentemente essas imagens não são algo dado. Como diz Bachelard (1991): “Daríamos uma falsa idéia da imaginação se não disséssemos o quanto às imagens são raras”. Somente muitos anos de intimidade com o tema e com o trabalhador assentado permitiram-nos chegar à dimensão onírica. São depoimentos de intimidade, como o de Ademar, um dos líderes das 44 famílias que primeiro acamparam na Fazenda Reunidas, em sua história de vida, coletada em dezembro de 1995, após dez anos de sua entrada na luta pela terra:

Então a questão hoje, pra mim, está boa de viver, porque em primeiro lugar eu realizei um sonho que é o de morar em cima do que é meu. Na cidade eu tinha uma casa da COHAB, eu nunca gostei de morar na cidade. Eu nasci e criei no sítio e sempre quis morar no sítio. Aqui eu tenho galinha, porco, minhas vaquinhas de leite, nós mesmo é que fazemos o queijo, temos o ovo, o frango. Então, graças a Deus, eu e muitos companheiros estamos felizes aqui, porque a gente realizou o sonho de ter a terra. Se a gente continuar pensando assim sempre unido, jamais a gente vai perder essas terra, não tem cara pra tomar essas terra da gente. Tem é que conseguir mais terra, porque tem tantas terras improdutivas por aí que estão na mão de latifundiário que só pensa nele enquanto crianças estão passando fome, morando em favela na cidade, no meio de rato, cobra, dengue, lixo e tantas terras paradas aí na mão de quem não está desfrutando nada [...].

¹⁰ Os sub-projetos procuram abordar essas diversas dimensões: as diferentes trajetórias de imigração e a luta pela terra: a família no assentamento; o papel das mulheres na luta e a construção de sua autonomia; a saúde, a educação, as condições de infra-estrutura do assentamento; a produção coletiva x individual, a relação assentados/comunidade/poder local etc.

Um pequeno trecho da fala de Ademar, ponteadado de uma longa história de vida, não tem, de fato, a mesma significação que a leitura de toda a história revela. Entretanto, a metodologia proposta para este trabalho impõe limitações, Mas a interpretação de sua história revela a dimensão “sonho de obter terra própria” que permeou toda a luta, ao mesmo tempo em que dá claramente os contornos do estilo de vida que almejava construir, na chegada ao assentamento. O sítio, as galinhas os porquinhos, a tranquilidade da vida rural, traduzem a possibilidade de reprodução familiar, fugindo à fome e às dificuldades da vida urbana.

Os devaneios de Bachelard (1991) me permitem considerar as imagens da intimidade presentes no espaço do lote e da moradia, num espaço amplo que se antepõe às imagens da moradia e do estilo de vida urbanos. Bachelard nos ajuda a pensar os símbolos da intimidade presentes na casa rural e urbana, o contraste entre a vida aberta no campo e a vida fechada, da cidade:

No fundo, a vida fechada e a vida exuberante são ambas necessidades psíquicas. Mas antes de serem fórmulas abstratas, é preciso que sejam necessidades psicológicas com um quadro, com um cenário. Para que haja essas duas vidas são indispensáveis às casas e os campos [...].

Percebe-se agora a diferença de riqueza onírica entre a casa de campo construída verdadeiramente sobre a terra, dentro de uma cerca, em seu universo, e o edifício cujos compartimentos nos servem de moradia e que só se constrói sobre o calçamento das cidades? [...]. (BACHELARD, 1991).

Mas esta casa de que falamos reúne imagens do passado, a casa paterna e as sucessivas imagens das casas habitadas ao longo de uma vida de migração. Essas casas estão distantes, não são mais fisicamente habitadas, mas estão presentes na construção do novo espaço, portanto, são habitadas pela lembrança. Por essa razão, famílias de origem rural recente pensam o lote e a moradia no lote de maneira diferente daquelas que viveram a vida proletária urbana, nas casas da COHAB, nos barracos das favelas ou nas vilas operárias. A percepção do espaço largo, aberto e verde exige a reconstrução do olhar. A psicologia da vida fechada no espaço da casa urbana se opõe à psicologia da vida aberta para o verde, em que moradia e quintal, pomar, horta e roça são alcançados a um só tempo, pelo olhar mais largo, um olhar ao mesmo tempo de satisfação, de realização, de liberdade e de cuidado/domínio. O trecho abaixo, extraído da história de vida de Dona Teresinha¹¹, que depois de trabalhar na braquiária, no quiabo, trabalhou costurando para fábricas de roupas, antes de vir para o assentamento, fala do olhar:

Aí, apareceu um serviço de fábrica, pra costurar em casa. Costurei muitos anos pra essas fábricas de Bonifácio [...].

¹¹ Dona Teresinha, 38 anos, moradora da agrovila José Bonifácio. História de vida coletada por Maria Teresa Papa Nabão e Patrícia Helena Buim, em D’Aquino (1996).

Quando nós viemos definitivo para cá, uma coisa que eu estranhei mesmo foi o sol. Lá, parecia que era mais frio e a gente, também, ficava mais dentro de casa. Outra coisa que me deu problema foi a vista, porque lá eu só olhava de pertinho, que costurar é bem de pertinho, né? E eu não saía para lugar nenhum. Cheguei aqui, a minha vida era olhar! Olhava para lá, olhava pra cá, hoje está tudo cheio de plantação, mas quando eu vim era tudo limpo, então, dava para olhar longe. Nossa! Eu tinha uma dor de cabeça! Ai, fui na farmácia lá da cidade e falei: “Oh, não se; o que é que eu tenho, mas eu estou tendo muita dor de cabeça!”. Ai, o farmacêutico perguntou porque e eu expliquei: “Se eu fico dentro de casa, não doe, mas se eu fico andando pelo terreiro ai, fica doendo. “Então, eu contei aonde eu estava morando, e ele falou: “Sabe o que é? A sua vista estava acostumada a olhar só de pertinho e agora está olhando longe, então, está dando esse problema. Você fica mais uns dias e se não melhorar, você vai ter que procurar um oculista”. E não é que era falta de olhar longe mesmo! Depois que acostumei, nunca mais deu problema de vista.

Hoje, já não gosto de costurar não! Às vezes costuro um pouquinho para a casa, mas me dá calor e inquietação. Tem gente que me fala: “Porque você não pega roupa da fábrica e continua costurando daqui?” Eu não! Porque se eu estiver costurando e uma galinha cantar lá fora eu já tenho que ir correndo ver aonde ela botou! Se a vaca está berrando, eu tenho que ir lá ver o que é que a vaca tem, Então, eu não tenho vontade de ficar quieta dentro de casa. Eu quero é saber de ficar andando, olhando a roça, as criações [...] lidar na roça, catar quiabo, adoro catar quiabo, agora, serviço de casa eu não gosto, não!

As lembranças de Dona Teresinha falam de três experiências diferentes, que traduzem diferentes *habitus* grupais: a experiência de assalariamento rural, como bóia-fria, a de trabalho industrial à domicílio e a de trabalho em sua terra, o seu sítio. O contraponto entre essas atividades, que permeia a história de vida dessa assentada, é inconsciente, mas vivo e altamente revelador.

A vida na roça, para ela, é percebida em oposição à vida urbana e ao trabalho “para os outros”. O morar na cidade se traduz numa outra forma de ocupar e conceber o tempo: a hora certa, definida pelo horário de “pegar” ou “largar” o serviço e por uma longa jornada de trabalho, é vista em oposição à autonomia da vida rural centrada no lote. A costura, que habituava a olhar miúdo, foi substituída pelo olhar longe, que se estende pelo lote, pela horta e as criações. A concepção de vida agora envolve andar, lidar na roça, olhar o que é seu. Essa concepção se revela no olhar, cujo núcleo é a casa.

O modo de vida se traduz no modo de olhar, o que expressa a relação corpo/casal/terra. Revela-se também na ocupação do tempo com outras atividades de lazer que remetem a uma vida grupal centrada na sociabilidade de vizinhança, que dona Teresinha conta com prazer:

Sabe, que morar em vila não é bom não! Lá, a gente não podia ter nada do que tem aqui. Se tinha uma festa, eu já estava enjoada daquilo! Aqui não, tem coisa diferente. Apesar de que muitas vezes é igual. Um terço de São João, na vila tinha e a gente já sabia que era na casa do meu tio. Aqui também tem

em vários lugares. A gente vai a pé, todo mundo junto, chega lá reza os terço, depois come alguma coisinha, brinca, diverte. Na vila, eu quase já não ia mais em campo de futebol, eu ia mesmo só no tempo de solteira. Depois de casada eu nunca mais fui em campo, porque o marido não joga e eu não tinha nada que fazer lá. Aqui não! Chega de domingo a gente sobe tudo lá para a agrovila, tem jogo, eu tenho o genro que joga e o moleque que gosta, os sobrinhos, os rapazes que consideram a gente como da família. Sábado à noite, a gente vai também, conversar com as colega, reza o terço na igreja, toma um refrigerante. Lá eu não fazia nada disso, porque dentro da vila tinha preocupação de ter que levar as crianças para fazer alguma coisa... Às vezes, a gente também vai em comício. Sabe que em comício eu só tinha ido quando era pequena? [...] Lá na vila eu não largava de assistir televisão para ir ver comício de candidato de jeito nenhum! Sábado, aqui, teve brincadeira, bailinho, [...] Jogo de futebol, as colegas estava tudo lá e como se diz, nós aproveitamos para por as fofocos em dia e com isso passou o dia que nós nem vimos!

O horizonte de Dona Teresinha começou a expandir-se a partir do novo olhar, o olhar longe, processo que se completa com a expansão da sociabilidade, tão grande que hoje atinge a agrovila toda, ampliando a parentela, algo que ela expressa na liberdade conquistada de ir a campo de futebol, pois os rapazes a consideram como família.

O cultivo da sociabilidade grupal exige o controle do tempo, a liberdade de ir e vir, que, na memória, sempre se opõe à experiência do trabalho assalariado, lembrado pela informante como aquele tempo em que tinha que “estar no pau do pecado”, o ponto de ônibus, bem cedo, para ir ao trabalho:

Durante a semana, se eu quiser ir na casa da minha cunhada ou da minha vizinha, eu saio e vou, se a vizinha quiser vir na minha casa é a mesma coisa, a gente não tem preocupação com patrão. Não tem aquele negócio de ficar pensando: “Ah, não posso sair porque o patrão pode vir encher o saco!” Se você tem patrão o negócio é diferente. Na “cata” da laranja, por exemplo, você é registrado, só que é aquele salarinho contado e 30kg de arroz. Mas todo dia tem que estar no “pau do pecado” (ponto do ônibus) às sete horas. A condução passa pra pegar às seis e meia da manhã e a gente só vai chegar em casa às cinco e meia da tarde. Se está chovendo, fazendo frio, não importa, tem que ir. Aqui, se tiver chovendo ou fazendo frio, eu não faço nada, só comida, nem roupa eu lavo! Agora, se você estiver trabalhando para fora você tem que fazer seu serviço de qualquer jeito!

A posse do tempo “para si”, num espaço que é dela, dá a dona Teresinha à sensação de liberdade, revelada na frase:

Lá na vila eu ficava presa, só na beira da máquina e mais nada! Cheguei aqui e achei a liberdade. No começo eu ficava andado por essa roça o dia inteirinho, nem que não fosse para fazer nada, meu prazer era andar, sem horário, sem patrão!

Liberdade, nesse depoimento, é expressão que reúne autonomia no trabalho, posse do tempo e uma verdadeira redescoberta do corpo, do olhar, do andar, do viver em terra própria. E todo esse conjunto que envolve casa, família, trabalho, expressa também, para dona Teresinha, tranquilidade e fartura:

Eu me sinto bem mais feliz aqui do que lá na vila. Trabalho bem menos, porque lá, na beira de uma máquina, eu sabia que tinha que dar conta do dinheiro até para o fim do mês. Aqui não, você pode chegar no fim do mês sem dinheiro, mas pelo menos, o que comemos a gente não paga. Às vezes, na vila, eu tinha vontade de comer um frango e quantas vezes com o dinheiro na mão e não achava o frango para comprar... um franguinho caipira, quantos vezes nós queríamos e não tinha. Aqui não, se nós quiser um franguinho caipira é só matar, é rapidinho! E tem mais, na vila, a gente tinha que comprar de tudo, arroz feijão, gordura, sabão, além de ter que pagar aluguel e luz, só não pagava água porque não tinha na rua, tinha que ir buscar, nas costas, a um quarteirão de distância. Aqui não, se quero um frango caipira eu vou e no terreiro e tem. De vez em quando, tem um porco gordo, eu mato. Sabão, eu faço em casa, não preciso estar comprando essas barrinha que eu comprava antigamente e não valia de nada. Desde que vim para cá nunca mais compramos um quilo de arroz. Plantamos e colhemos bastante, temo milho abóbora e mandioca à vontade.

Eu não penso em ir embora daqui de jeito nenhum. Muita gente falava que eu não ia acostumar, eu mesmo tinha muito medo! Mas que nada, toda vida eu sempre gostei de roça e de criação. Todo dia cedo, isso é sagrado, eu vou na lavoura, tenho que subir, andar na roça, olhar a plantação para ver se está crescendo, olhar a criação para ver se está engordando! (grifo nosso).

Hoje eu peço a Deus que não me tire daqui, não. Foi sofrido, foi apertado, porque a gente não tinha recurso suficiente, sofremos bastante, mas valeu a pena!

A realização do sonho de fartura aparece no desejo de permanência na terra e no medo de perder este “lugar”, que significa viver em segurança, no espaço conquistado e construído *como* espaço de reprodução familiar.

A vida aberta no mundo rural é permeada de símbolos: tempo de trabalho por conta própria, combinado com tempo para o lazer X tempo de trabalho para o patrão; trabalho assalariado x trabalho autônomo; viver de salário x fartura garantida pelo trabalho por conta própria no lote familiar; monetarização de todas as dimensões da vida x autoconsumo.

Ao refúgio simbolizado pela casa soma-se a intimidade da vida rural aliada à sociabilidade vicinal, as formas simples e ricas de sociabilidade reencontradas na volta a terra. Poder reorganizar o próprio tempo e espaço é um privilégio partilhado pelos trabalhadores assentados, que envolve várias descobertas: a primeira é a do corpo, em seguida a da casa, a dos amigos, a vizinhança. A redescoberta da luz, do longe, do verde, é acompanhada da redescoberta do tempo de lazer e do tempo de conversar. O primeiro momento, sem dúvida é de insegurança face ao desconhecido simbolizado pela escuridão a que o olhar está desacostumado. Os temores de dona Teresinha, na chegada a terra, ainda na condição de acampada, revelam o medo do desconhecido:

Vimos para cá quando saiu esse projeto da reforma agrária, mas no começo eu tinha muito medo, por duas coisa: não tinha força [energia elétrica] e eu tinha medo de morar em barraquinho de plástico, porque quando eles veio para cá, era barraquinho de plástico e eu tinha muito medo! Eu pensava que chegava aqui e ia ser muito mais diferente do que foi, então, eu tinha medo de vir. Eu não vim logo no começo, primeiro veio meu marido, ele ficou dois anos no barraco de plástico. Só depois é que nós viemos tudo para cá, depois que ele fez a casinha de tijolo com três cômodos. O primeiro dia que eu vim aqui o meu marido estava fazendo a casa e eu vim trazer as dobradiça para por nas porta. Já estava coberta só faltava por as porta, aí eu falei: “Ah, hoje nós posa aqui mesmo!” Já tinha colchão. mas não tinha cama, então, eu disse que não ia dormir no chão não, porque de dia eu tinha matado uma cobra. Ai, fizemos umas pilha de tijolo, pusemos a grade da cama e o colchão por cima. Foi chegando a tardezinha, foi ficando escuro, de um jeito ruim, o marido estava pescando e comigo só estava o filho mais velho, os outros tinha ficado na vilinha. Ai o Carlinho chegou com os peixe para mim limpar mas eu não achava jeito! Eu estava acostumada com a luz, não tinha televisão, não tinha geladeira, não tinha nada aqui e eu ainda por cima com medo da cama. Quando chegou a hora de deitar eu deitei, mas quem disse que eu dormi? Virando pra cá, virava para lá e o marido dizendo: “Está difícil dormir com você se merendo assim!” No outro dia levantei bem cedo, já que eu não dormia mesmo, resolvi pular cedinho da cama, mas não tinha o que fazer, não tinha galinha, não tinha nenhuma porca, não tinha nada! Eu levantei, dei uma olhada por tudo e falei: “Quer saber de uma coisa? Eu vou embora! A Reunidas (ônibus) passa aqui às nove hora, os moleque está lá em casa sozinho, eu vou é embora, não vou ficar aqui não!” Juntei a minha sacolinha e fui embora esperar a Reunidas.

Cheguei em casa os moleque perguntaram: “Mãe, como é que é lá?” Eu disse: “É gostoso, é bom, nós vai acostumar!” Mas só Deus sabia que por dentro eu pensava: “Nós não vai acostumar, não!” Ai que medo que eu tive! Aquela escuridão toda. Agora não, não tem força até hoje e eu estou bem acostumada. Eu tenho lampião, mas nem lampião eu uso, fico só na lamparina. Acho que acostumei porque vim com os filhos todos, trouxe galinha, porco [...]

Note-se que dona Teresinha, de origem rural, já havia se desacostumado com a escuridão. Simbolicamente esse medo parece associar-se ao viver sem energia elétrica, água encanada, sem televisão, com tudo o que estava deixando para trás ao vir para o acampamento.

O medo também está presente na fala de outra mulher, Néia¹², assentada que participou, com seu marido Ademar, de todos os momentos da luta pela desapropriação das terras de Promissão. O medo de Néia, que morava em Promissão, em casa de COHAB, é diferente, pois remete aos embates da luta pela terra:

[...] Sei dizer que eu sofri prá chegar agora onde eu estou! Ter esse pedacinho de chão que eu adoro, ter esses 8 alqueire de terra!

A gente fazia reunião em casa também. Cada dia da semana era numa casa de alguém dos “44” que acampou na bera da pista. Então através da reunião a

¹² Néia, 43 anos, moradora na Agrovila dos “44”. Historia de vida Maria Teresa Papa Nabão, em D’Aquino (1996).

gente falava assim: “Tal dia [...]” Não falava “Nós vamos invadi”, falava assim: “Nós vamos no casamento. (risos) Nós vamos fazer o casamento!” Tal dia nós vamos acampar na beira da pista e tem que topa, cada um leva a sua família.”

Ai eu tinha medo, menina, eu chorei muito! A primeira ocupação que é esta destes assentados ai da CESP, eu fiquei com muito medo de ir. Chorei igual uma louca, mas não concordei. Já a segunda, que eu sabia que era uma coisa mais legalizada, tinha as reunião no salão do Cruzeiro, sabia que o INCRA também estava ajudando a tomar a terra, sabia que era improdutiva, que não tinha escritura, ai eu perdi o medo!

Então o Ademar vendeu a nossa casa e comprou um terreno no Jardim Alvorada, e nós resolveu acampar. Minha mãe ficou chorando, ela não queria.

Nós dispomos de tudo que tinha prá poder acampar. Nós tínhamos perua, o Ademar estourou tudo a perua puxando gente prá ir roçar pasto aqui na fazenda. Nós tivemos muita ajuda dos apoio de fora. Mas sempre faltava um pouco, né? Pros remédio, prá doença.

Quando nós ia na cidade, aquelas pessoas que era “puxa” dos Ribas falava assim: “Vocês são umas cambadas de vagabundos! Vai trabalhar prá vocês comprar terra! Aquilo lá tem dono!” Inclusive, teve uma festa um dia na cidade, eu e meu marido num bar prá comprar um doce e cigarro. O homem começou a falar: “Vocês esquece aquilo lá! Vocês vai acabar em nada! Aquilo lá num vai ser de vocês nunca! [...]” Hoje em dia ele é a favor a gente, porque nós demos muito lucro prá cidade, né? Nós levamos cereais prá a cidade, os mercados vives cheios de gente, de assentado, fazendo compras. Ai, que nem eu estava falando, teve um dia que nós acampamos na beira da pista [...] E nós, as vezes lavando roupa, as vezes comendo, passava então aqueles caminhão do Ribas e gritava assim prá nós: “Seus vagabundo! Vai trabalhar! Seus passa-fome! Seus ladrão de terra!” [...] Sei dizer que foi um sofrimento!

As dificuldades da luta relatadas por Néia, têm, entretanto, o sabor de conquista. Nascida na cidade, mas casada com trabalhador rural Néia hoje expressa o ideário camponês, quando agradece pelo pedaço de chão conquistado:

[...] Eu agradeço muito esta luta, nossa e como! Viche, valeu a pena! Hoje em dia temo o nosso pedaço de chão, temo nossa vaquinha no pasto, meus porquinho, minhas galinha!

Eu fui uma moça nascida e criada na cidade! Casei com um moço do sítio e hoje eu não gosto de morar na cidade. A minha vida é aqui na Fazenda Reunidas! Às vezes eu vou em Promissão passear, fazer compra, ir no médico e ai a minha irmã fala: “Ai, credo! Não sei como você gosta dessa vida! Não tem força nem nada!” Ai eu falo: “Th Cirça!”, que minha irmã chama Cirça. “Eu adoro aquele pedacinho de chão, eu venho aqui mais não vejo a hora de chegar em casa!” Amo mesmo esse lugar! Valeu a pena esta luta!

Tendo realizado o sonho da terra própria, hoje Néia está circunscrita ao espaço do lote, da casa, do quintal e da roça. De sua experiência de luta está presente à memória que se expressa ao contar a história de vida/luta pela terra. Essa

experiência se expressa também no incentivo a outras mulheres que hoje entram na luta por terra:

E eu incentivo também. Tem muita gente fazendo luta! Muita gente inexperiente que não conhece a luta da terra, como que é! Vem muita gente aqui em casa! Muitas mulher que os marido foram acampar nessas terra da Jangada, que infelizmente não deu certo, veio perguntar como é que era, e eu contei. Falei que não era fácil, mas dei bastante força, animei bastante. Não deu certo lá, mas eles já estão em outro lugar tentando ganhar umas terra!

Eu dei muita força prá elas. Falei que valeu a pena a luta que eu fiz, eu e meu marido [...] Táí a nossa luta, que nós fizemos e que valeu a pena! Eu não me arrependo de ter desfeito de tudo que eu tinha na cidade prá tá vivendo na vida do campo. Fico muito feliz!

Plantar para comer, criar seus porcos, suas galinhas, sua vaquinha de leite são evidentemente parte dos sonhos de muitos dos trabalhadores assentados em sua busca de autonomia. São os trabalhadores cuja identidade é marcada pela memória da vida rural do sítio, local de moradia, de trabalho e de reprodução da família. Esse ideário está presente nas falas de Ademar e sua mulher e de muitos outros trabalhadores da agrovila dos “44” e demais agrovilas organizadas como tradicionais sítios rurais.

A recomposição do estilo de vida, nesse caso, expressa o ideário camponês, a concepção da unidade agrícola como unidade de produção familiar. A alternativa colocada por esses trabalhadores insere-se no que Klass Woortmann (1990, p. 30-31) denomina “campesinidade”, que se expressa numa sociedade que tem como princípios organizatórios centrais a honra e a hierarquia. A modernização produtiva e os distintos graus de inteiração com a modernidade, constituem estratégias para a manutenção do sítio, a continuidade da tradição. A terra é vista como patrimônio de família, sobre a qual se faz o trabalho que constrói a família enquanto valor. São categorias culturais centrais do universo camponês brasileiro, o trabalho, a família e a liberdade. Pode-se opor esse tipo de sociedade às sociedades modernas, individualizadas e voltadas para o mercado nas quais as três categoriais estão separadas.

O camponês pensa a sua terra como sítio e, na hierarquia familiar, o uso do trabalho assalariado ou o assalariamento de algum membro da família são vistos como formas necessárias à reprodução da família camponesa. O sitiante que emprega trabalho assalariado define a atividade não como trabalho, mas como ajuda e, ao assalariar outro sitiante, define seu ato como ajuda. Dentro dessa lógica, pensa-se numa troca de ajudas.

O sítio tem três significados, segundo Klass Woortmann (1990, p. 30-31): “[...] comunidade de parentesco, definido pela descendência e pelas trocas matrimoniais; área de terras trabalhadas por uma família; o conjunto casa-quintal, que aproxima o seu significado do de chão de morada.” Sítio, além de ser o lugar de

terra de trabalho, é o lugar da troca de tempo de trabalho, da ajuda. A troca de tempo tem significado simbólica: ao trocar, está se produzindo também a comunidade, ligada por laços de solidariedade e compadrio. O sítio portanto, o lugar da família e o espaço e liberdade.

O objetivo principal do camponês não é o lucro, mas a reprodução familiar e a produção da comunidade. Suas práticas contrastam com a do empresário capitalista, embora o negócio e a racionalidade estejam presentes, sempre no contexto da reprodução familiar.

Nesse contexto a casa é o centro, o espaço por excelência da construção da vida familiar. Não por acaso, em geral ela está situada no meio do lote, feita de alvenaria e mobiliada com novos armários, geladeiras e fogões e uma ou outra peça do velho mobiliário herdado, que resistiu a tantas migrações e até mesmo correrias da polícia ou estouros de boiadas propositadamente jogadas sobre os acampamentos. Ela guarda, junto com velhas lembranças, os sonhos de liberdade.

Já os trabalhadores organizados pelo MST concebem a vida na terra como vida em coletividade, a melhor alternativa para viabilizar a permanência na terra. Embora respeitem o estilo de vida adotado pelos outros trabalhadores, optaram pela organização coletiva da produção e mesmo da vida no assentamento. Tudo é coletivizado: o trabalho, organização de produção e divisão do trabalho, a educação das crianças, pensando como parte do projeto grupal de reprodução do assentamento.

A construção desse projeto contou com a colaboração do MST, que promoveu o “laboratório de campo”, cuja história é muito mais interessante quando contada por seus “atores” principais, os associados da COPAJOTA (Cooperativa de Produção Agropecuária Josimo Tavares) como Lurdinha, da liderança dos assentados de Campinas, que, em sua história de vida, conta a história da trajetória grupal de organização para obter a terra definitiva e construir o sonho socialista de viver nela em coletividade. Reproduzir a história de Lurdinha é impossível, neste momento. Aproveito aqui uma frase em que ela resume sua trajetória:

Valer a pena valeu, sabe. Valeu a pena. Tivemos dificuldades muito grande durante cinco anos, né, cinco anos de luta e de resistência. Nós tivemos muitas dificuldades prá conquistar a terra definitiva, né [...] que no ano passado (1992) no dia 15 de [...] dia 16 de outubro que nós recebemos a posse da terra definitiva, né, onde vieram medir os lotes e tudo. E o próprio INCRA declarou que a gente tinha, que nós tínhamos vencido e que essa terra era nossa. E isso foi uma das dificuldades que nós enfrentamos prá conseguir essa terra definitiva. Mas prá conseguir a terra definitiva e ficar nela sem ter uma organização ficaria difícil, né, que nós tínhamos o grupo, que era o grupo de nove famílias na qual a gente trabalhava coletivo, né e tudo comunitário, até a cozinha, a comida era tudo na cozinha comunitária [...] Foi ai que nós decidimos formar a cooperativa [...] nós se reunimos e a gente descobriu que o único jeito da gente permanecer na terra, de resistir, e toda essa discussão que hoje faz os grandes latifundiários, quer engolir o pequeno agricultor com as suas idéias, né, que eles tem avançadas e só com o sistema cooperativista é que

a gente poderia resolver isso, a nossa situação. Ai nós fizemos o ano passado o laboratório de campo, né, foram 35 dias de laboratório.

A história de Lurdinha é uma história de vida em busca de melhores alternativas de vida: de origem rural, chega a Campinas na década de 70 e passa a atuar nas CEBs, organizando a população nas reivindicações por saneamento básico, educação, saúde, asfalto e chegando, a partir dessa luta, ao movimento sindical.¹³

Vale retomar trechos das memórias de Lurdinha, em que a saudade da terra está sempre presente, apesar de ter vivido duas décadas na cidade. Destaca-se, nessa fala, a expropriação, a chegada à cidade e a entrada nos movimentos populares, enquanto seu marido entra na luta pela terra e ela acompanha, quando “o movimento popular passa a ser uma luta pela terra”, tomando consciência de que é na terra que está a transformação:

Então, eu chamo Maria de Lurdes Pereira Silva, mas me chamam de Lurdinha [...] Meus pais eram trabalhadores rurais, trabalhavam para fazendeiros e a gente tinha uma vida muito difícil [...] E meu pai pegava trabalho, assim, além das empreiteira ele pegava também pra trabalhar de porcentagem. Tinha 30%, 40%, 50% [...] E assim eu vivi, estudei numa cidade muito pobre, muito pequena no Paraná que era perto de Apucarana, bem no interior e eu lá estudei até a quarta série [...] moramos no sitio onde era do meu marido, que hoje é meu marido [...] Eu tinha 15 anos na época, daí conheci o Geraldo que era da família da qual pertencia o sitio onde a gente trabalhava e, depois de cinco anos a gente namorava, tudo, e foi que nós casamos [...] E nós então, depois que casamos, a gente plantava soja, feijão, soja e milho. E ai foi a década de 70, 77 nós fizemos um financiamento no banco pra o plantio de soja, e nós plantamos e perdemos tudo. O tempo, assim, de muito sol e a gente não teve como recuperar a soja. Foi daí, depois que nós casamos, que cada filho que ia casando da família Ramos ia pegando a sua parte, e prá nós ficaram 5 alqueires. Então quando nós perdemos essa soja dos 5 alqueires que era nosso, a gente viu que não tinha mais saída, que a dívida no banco estava alta, tinha que pagar aquela dívida nossa, que a gente tinha feito no banco no plantio de soja [...].

A experiência traumática da expropriação é relatada por Lurdinha tendo como eixo a história da família e a sua história pessoal. Note-se que o enquadramento de sua memória é feito a partir de datas relacionadas a sua vida pessoal e de sua família. O trauma da expropriação logo é sucedido pelo trauma de ter que aprender a viver na cidade grande, que Lurdinha rememora:

Ai nós viemos embora prá São José dos Campos. O Geraldo já tinha um irmão que já tinha vindo [...] Depois de 1 mês aí ele foi no Paraná e buscou nós, eu e as crianças. Ai era toda uma tortura, porque cê lá acostumado na roça. Vida sossegada, né? Apesar de tudo [...] apesar de ter perdido soja, tudo. Mais o

¹³ Lurdinha, 41 anos, é casada, mãe de dois filhos, Cidinha, estudante de Pedagogia e professora primária formada pelo MST e Luís, estudante de Técnicas Agrícolas, é membro do Partido dos Trabalhadores e foi um dos fundadores da COPAJOTA. Vide a história de vida de Lurdinha por José Bonifácio Leandro em, em D'Aquino (1996).

campo é muito diferente de que uma cidade, cidade grande. Eu chego na cidade, prá mim foi um [...] assim uma transformação, aquilo que eu nunca tinha visto na minha vida. Que era aqueles ônibus super lotado. E uma criança adoecia e eu tinha que levar sozinha no médico [...] Ai eu tive que aprender a viver aquela vida dura. Eu não podia trabalhar fora, mesmo que eu quisesse [...] Não, não gostei de viver em São José dos Campos [...] Quando foi já em janeiro de 78, nós fomos prá Campinas porque tinha uma tia que morava muito tempo [...] e nós fomos morar na periferia. O Geraldo começou a trabalhar numa construtora. Registrou e eu tinha que se virar sozinha. E aí foi que eu aprendi a viver na grande cidade de Campinas, né? Pois, depois o Luizinho com o tempo o Luizinho cresceu mais. Quando ele estava com 4 anos, aí eu fui trabalhar. Arrumei serviço na creche [...] Mais nesse tempo que eu fui trabalhar na creche, que eu já tinha aprendido a me virar na cidade e participando de comunidade, do bairro e conhecendo a “Teologia da Libertação”. Então despertou dentro de mim aquela vontade de ajudar a transformar, né, aquele, esse mundinho, pelo menos o mundinho onde eu vivia, né que nós tenhamos água, não tinha luz, não tinha esgoto, num tinha escola, né [...] E aí já com aquela experiência que a gente tinha um trabalho de comunidade, que eu sempre fui, né, da igreja minha mãe ensinou isso [...] eu ainda trabalhava com o apostolado da oração [...] Depois quando em Campinas eu estava no bairro que eu vi aquela necessidade [...] fiz um curso de Fé e Política de 3 dias e a partir daí foi despertando cada vez mais, né, na consciência da gente a vontade de ajudar a mudar a situação nossa. E a gente se uniu então, fizemos uma chapa da associação de moradores e o pessoal me elegeram como presidente do bairro. E aí com 5 companheiros a gente, nós começamos fazer um trabalho de melhoramento do bairro. Conseguimos a água, conseguimos a luz [...] Daí em 86, eu continuei sendo a presidente [...].

A história contada relata a trajetória de chegada à cidade e todo o trabalho de acostumar-se ao estilo de vida urbano, que remete a Lurdinha aos movimentos sociais em busca de melhorar o entorno do bairro, para ela, para sua família e demais moradores. Já acostumada, tendo se tornado líder do movimento de CEB's, Lurdinha é quase que “surpreendida” pelo marido, cujo projeto de vida ainda se construía sobre a terra:

Quando foi 86 [...] final de 86 [...] O meu marido começou a participar, né, o Geraldo começou a participar de umas reuniões que estavam tendo nos bairros, nas comunidades, pra [...] discutir a questão da terra, da volta prá terra. E aí ele começou participar, eu não, eu já estava no movimento popular, eu já estava bem longe, participava das reuniões que havia no Centro de Pastoral Pio XII, porque além de ser presidente da associação eu era também da coordenação das CEB'S da Diocese, era da coordenação da catequese da regional, eu participava da Pastoral Operária, né. Além do partido que eu era, sou filiada, eu participava de todas as reuniões do movimento que havia. E eu estava em outro campo, né? E ele começou a participar então da luta pela terra da organização pela terra. Foi no final de 86, bem no finalzinho de 86, ele chegou lá e falou: “Olha, eu não sou mais apoio ao grupo que tá se reunindo na luta pela terra, eu vou ocupar”. Eu disse: “Mas eu não estou preparada prá isso”. Ele falou: “Mas eu vou ocupar”. Eu era presidente do bairro, eu já estava assim, o meu nome sendo cogitado prá próxima eleição que ia ter, em 87, a vereador a da região [...] Mas eu não podia impedir, porque era um sonho, que a gente durante todo esse tempo que eu estava envolvida na luta

popular, que eu estava trabalhando tudo ele sempre estava horas empregado horas desempregado. Quando você pensava, que ele, estava firme numa firma ele já não estava mais. Então, ora estava empregado, ora não estava. Ai ele falou: “Ah, não agüento mais isso”. Eu quero saí, eu preciso, nós precisamos voltar prá terra de novo. Foi ai que ele veio na ocupação de 2 de novembro. Ai ele veio e eu fiquei, até entregar meu mandato prá outra. Passei o meu mandato pro vice-presidente da associação e [...] ai eu vim no dia 15 de maio, eu deixei então o bairro onde eu morava, e vim com eles aqui, prá terras porque já tinha feito ocupação no dia 2 de novembro. No dia 25 de dezembro eu vim aqui visitar, né. E eu vi aquele monte de barraco, aquele monte de criança, aquele monte de jovem, e eu ficava pensando: “Meu Deus, será que adianta eu ficar lá na cidade e sendo que a transformação tá aqui, né? Se adianta eu ficar lá agora acho que todo tempo, 12 anos que eu trabalhei lá, já era o suficiente prá ter feito o que tinha de fazer”. Então, eu mesmo achei, né, vendo a situação, que eu teria que voltar prá cá, que o Geraldo estava aqui. Eu teria que vim prá cá. Foi ai que eu deixei então tudo e vim mais os meninos. Pra dentro de um barraco que mal cabia a gente dentro, né? Uma casa terminada em Campinas, a gente tinha conseguido terminar essa casa porque eu ganhava mais ou menos, não era tão mal meu salário [...].

A decisão de Lurdinha, de vir para a terra, é uma decisão política, aliada a uma decisão pessoal: acompanhar o marido em seu sonho de volta à terra é projeto que se alia à percepção de que na luta pela terra ela estaria, de fato, trabalhando pela transformação. Sua indecisão é vencida no momento em que percebe que ali havia um campo de luta em defesa de seus ideais.

A chegada a terra significa um outro mergulhar na luta, ao mesmo tempo na terra e junto aos órgãos governamentais para garantir sua posse definitiva. A história de Lurdinha é a memória do grupo de Campinas, que, tendo chegado mais tarde, encontra sérias dificuldades para conseguir o direito a ocupar a terra, destinada trabalhadores da região. Lutam pela terra em todas as instâncias, cortando, eles próprios, os lotes do assentamento provisório, empregando para isso apenas suas foices e facões:

E assim, nós ficamos 16 dias em São Paulo, comissão de negociação, reivindicando a terra definitiva. Tendo em vista que falavam que aqui não tinha, não cabia nós, porque era um projeto do INCRA prá assentamento prá região. Então nós começamos a batalhá pra que assentassem a gente aqui. Porque a gente sabia que existia essa terra aqui. Terra que dava prá ser de todo mundo [...] e essa terra aqui, se a gente não ocupasse, ela iria voltar novamente pro fazendeiro. Ai nós ocupamos. Nós ocupamos aqui, tinha muita cobra, na época, calango, era o que tinha aqui, era um cerradão isso aqui. Ai nós ocupamos, desmatamos o cerrado, medimos os lote, medimos 7 alqueires para cada família... então o nosso era Grupo Margarida Maria Alves, o nosso que eu falo, é o grupo que a gente já tinha no acampamento, que a gente já trabalhava coletivo e a gente já tinha uma caminhada desde Campinas já de CEB ‘s, pastoral operária, e esse grupo permaneceu tanto lá no acampamento como aqui trabalhando coletivo e os outros trabalhavam como quisessem, coletivo ou não coletivo e tinha o coletivo familiar e tinha família que trabalhava de 2, 3 juntos. E assim, para cada grupo o nome de mártir e viviam como quisessem, trabalhava como quisessem. O nosso grupo na época, achamos que a gente devia trabalhar tudo até “arrancar de toco” aqui onde nós estamos agora, esse

local aqui, era um local que nós passamos aqui arrancando toco, de machado de enxadão. E nós mulheres, a gente vinha ajudar a arrancar os toco também, limpar a área prá gente pode plantar. E plantamos de tudo né, plantamos milho, abóbora, batata, plantamos mandioca, arroz, feijão, nós plantamos de tudo. E de tudo que a gente plantava mostrou que essa terra era boa e que ela produzia, apesar de precisar ser corrigida, dela ter que ser corrigida né. com calcário, e assim por diante. Mas é uma terra que produz. Aqui o que se planta ela produz.

A longa transcrição da fala de Lurdinha revela o enquadramento da memória a partir da vida familiar: as datas lembradas a partir da idade dos filhos no momento do acontecimento estão entrelaçadas com a história da luta, com os outros personagens (os companheiros das CEB's, hoje assentados) e com sua participação política. Na sua memória, o acontecimento está entrelaçado com os lugares e os personagens envolvidos, com a história familiar e com sua história pessoal desde a infância. Como afirma Polak (1992, p. 204):

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Na fala de Lurdinha, quero destacar alguns elementos: a construção de imagens do presente na terra a partir da memória da luta para obtê-la; a escolaridade e a concepção de vida diferenciada, dos trabalhadores cooperados, em relação aos demais assentados; o papel da mulher no assentamento, em especial nessa agrovila, em que as lideranças femininas despontam e avançam, mesmo após a conquista da terra; a concepção da vida na terra, como vida em coletividade. Mas, como uma personalidade de destaque no movimento de luta pela terra, a reconstrução da biografia de Lurdinha é política, ou seja, a vida familiar, a vida privada, entrelaça-se com a vida pública, com a sua participação política desde as CEBs até o MST. A indecisão de Lurdinha, no momento de entrar na luta pela terra, relaciona-se com mudança de sua trajetória política e também com ter que deixar para trás tudo o que a família e o grupo já haviam conseguido construir na cidade. Foi, portanto, verdadeira mudança de rumo, que a fala de Lurdinha revela:

Então, quando eu falo que assim não era tão mal meu salário, é porque eu tinha saldo da creche onde foi meu primeiro serviço, e depois eu tinha entrado no sindicato dos metalúrgicos. Tendo em vista já a minha participação no movimento popular, a própria Pastoral Operária das CEB 'S, acharam eu que tinha que participar tinha, que trabalhar num lugar onde favorecia participação maior. Foi então, aí, onde eu saí, né, da creche onde eu estava e passei a trabalhar no sindicato quando houve então essa decisão de ocupação da terra aqui. Então o que a gente podia ir fazendo, a nossa casa, por exemplo, quando eu falo a casa estava terminada é porque aquele terreno, aquela terra que a gente tinha deixado prá trás no Paraná nós havíamos vendido, e o dinheiro

a gente tinha empregado na construção de uma boa casa, né? Mais aquilo não era o suficiente, ter uma boa casa, ter um carrinho que a gente tinha um fusquinha, eu estava ganhando bem, não era o suficiente, porque se Geraldo, ele num conseguiria permanecer num serviço, eu digo pra você, num serviço, né, constante, uma coisa que, ele estava empregado e não podia dizer, aqui vou ser mandato embora. Então, não valia à pena, por mais que se morasse bem, não valia à pena, porque aquela vontade que ele tinha de voltar pra roça, ia continuar, ele sempre dizia, quem nasceu no campo tem que viver no campo, não adianta viver na cidade grande, né? E nós morava na periferia, né? Mais com a nossa luta a gente conseguiu melhorar muita coisa, né? Então estava até bom já o bairro. A gente já tinha água, esgoto, creche, escola, tinha tudo aquilo, a rede de esgoto estavam terminando, a gente tinha conquistado todos as coisas boas que a gente precisava pro bairro, né? [...] Então foi um avanço muito grande. Então é por isso que eu falo, né, que a gente ganhava mais ou menos devido ao trabalho que a gente tinha com os movimentos populares, mais isso não era tudo, não ia adiantar, a gente ficar lá só porque tinha um salário mais razoável, que dava pra sustentar.

Destaca-se na fala de Lurdinha, o longo processo de construção de sua autonomia, a partir da participação nos movimentos populares, processo que resulta na melhoria da qualidade de vida de sua família e do seu bairro. Entretanto, a dimensão qualidade de vida supõe também trabalho, emprego estável, um projeto que a família e não estava conseguindo levar adiante na cidade, pela insegurança do trabalho do “chefe da casa”. Essa dificuldade os conduz à luta pela terra, movimento no qual a liderança de Lurdinha, construída nas lutas urbanas, logo se destaca:

E aí depois que a gente veio prá cá, que fomos morar no acampamento, aí, a gente com a minha luta que tinha lá com o movimento popular ela passa a ser uma luta pela terra, né? Aí começa a luta pela terra definitiva, por transporte pró nós nas Reunidos, não só prá nós, mas pró o pessoal todo que estava sendo assentado naquela época, né, prá criança, escola, pros jovens transporte pró escola prá levar os menino pró escola. E aí começou toda uma luta. Aí o pessoal me colocaram, as mulheres principalmente, do acampamento, me colocaram na Comissão de Negociação. Aí, comecei a viajar pra São Paulo junto com os companheiros, pra nossas negociações com os órgãos do governo.

E aí eu me envolvi muito nessa luta, né, nossa pela, pela nossa terra definitiva e também pela Reforma Agrária, né?

Num diálogo com Bresciani (1992), que estuda os paradigmas do conhecimento e vivência nas cidades e sugere sete portas de entrada na vida urbana, associadas à idéia de modernidade, podemos pensar nas sete portas de saída da cidade. A autora sugere como portas de entrada, a questão da cidadania; a questão social ou da pobreza; a cidade como espaço de formação de novas identidades sociais; lugar de formação de uma nova sensibilidade e construção de uma nova cultura, em contraste com a suposta vida rural idílica; a cidade como lugar de progresso, de história e de construção da cultura popular e da subjetividade, muitas vezes cindida. Para conhecer

as sete portas de saída, os trabalhadores hoje assentados são os informantes ideais: a exclusão da cidadania, o desemprego e a pobreza associados, em muitos casos, à participação em movimentos sociais responsáveis pelo aparecimento de novos atores sociais, mais lúcidos e mais conscientes de seus direitos. Esses trabalhadores vêm na terra a alternativa de uma vida com fartura e a chance de restabelecer sua dignidade, livrando-se da humilhação de receber “sacolinhas de cesta básica”. A luta pela terra é uma porta de saída das difíceis condições de vida na periferia urbana, não só para os militantes do MST, mas para todos aqueles que lutam por terra, vendo nela a oportunidade de resgate da cidadania.

Lurdinha é uma trabalhadora assentada cuja vida expressa exatamente a difícil passagem pelo meio urbano que lhe permitiu, através da participação no Movimento Eclesial de Base, lutar pela melhoria da qualidade de vida na cidade, concomitantemente à formação de consciência crítica que se expressa na luta pela terra. A conquista da cidadania neste caso conduz à saída da cidade, à Construção de um projeto familiar e grupal centrado na vida rural concebida não como um sonho camponês, mas como um sonho coletivo, para ela, um sonho socialista.

A construção da vida na terra é sempre rememorada por Lurdinha, como uma construção coletiva. Note-se que as imagens do lote da casa e do sítio, tão presentes nas falas de Néia, que foi parte da luta dos “44” para obter a terra e de Dona Teresinha, que entrou nela mais tarde, via “inscrição do governo” estão ausentes na fala de Lurdinha, ou melhor, do substituídas pela construção do sonho coletivo:

E aí nós trabalhamos, uns dois anos, a gente trabalhou assim coletivo, depois a gente começou a pensar que a gente teria que comer também junto. Só trabalhar junto num estava, Ahm [...] estava sendo muito difícil prá nós mulheres. E aí nós começamos a fazer os quintais, dividimos os quintais, né? É como era 30 metros, 30, é [...] 40 por 30, né, os lotes, a gente dividiu, cada família, um plantava batata, outro plantava mandioca, outro plantava batata, outro plantava mandioca e a gente foi fazendo assim prá gente vender na feira [...] outro plantou abóbora [...] e o que a gente plantava no quintal, nós vendíamos na feira, em Promissão. Nós conseguimos comprar um tratorzinho, uma Carreta e [...] Nós vendemos muito milho verde na cidade, ia de casa em casa batendo palma e oferecendo nosso milho, amendoim. Nós vendemos muito. Concertamos o trator com dinheiro de venda de produtos, né, da produção nas casas e na feira.

E assim a gente viveu, fizemos nossa cozinha comunitária de barro, né. prá 9 família. E ali a gente tomava o café da manhã, almoçava e ainda tinha merenda, e a tarde jantava, jantávamos junto também. Então foi assim muito gostosa, a nossa vida, né, de coletivo em tudo. Só que daí a gente começo a perceber, que [...] só 9 família não era suficiente prá fica vivendo dessa forma. Daí com a experiência de cooperativa no Sul [...] a gente aumentou o número de famílias em vez de ficar 9 né, aumentar esse número de família com o trabalho coletivo e na cozinha também [...] Foi aí que a gente teve o “Laboratório Organizacional de Campo”, onde 34 família fizeram o laboratório. E nós fundamos a nossa Cooperativa de Produção Agropecuária Pe. Josimo Tavares [...] e a gente trabalhava coletivo então, em tudo, mas por setores de trabalho. A cozinha

aumentou, né, fizemos um projeto pro Canadá e conseguimos essa cozinha hoje que a gente tem... via organização dos mulheres.

E assim a gente começou então com os setores de trabalho onde era creche, cozinha, estrutura, pecuária, máquina, administrativo, horta, e agricultura. Eses são os setores dentro da COPAJOTA. Hoje temos mais que é a suinocultura, a granja, né, que aumentou [...] e a mercearia, que aumentou dentro da nossa empresa cooperativa [...] O nosso primeiro ano de produção foi muito bom, tivemos uma boa produção de algodão. Já no segundo ano já foi caindo a produção e com o tempo a gente vendo toda essa queda da produção houve desistência de famílias [...] Então essas famílias desistiram. Nós continuamos com o barco. Ficamos em 17 famílias. Hoje estamos dando continuidade, né? E o movimento, sempre ligado ao Movimento Sem Terra.

A participação de Lurdinha no MST traduz-se em ações internas ao assentamento a uma percepção aguda da situação de miséria dos trabalhadores brasileiros, aliada a uma viva consciência de que a Reforma Agrária é uma alternativa para melhores condições de vida: Essa consciência não arrefece pós a conquista da terra. Enquanto Néia, uma das líderes da ocupação da fazenda, se afasta da luta após a conquista da terra, a participação de Lurdinha, ao contrário, ganha novos contornos e maior amplitude coma a participação dela e de outros membros da COPAJOTA, na direção estadual e nacional do MST, bem como na Comissão Central de Cooperativa (CCC), ligada ao MST. A fala de Lurdinha expressa essa visão de totalidade:

Nós somos o Movimento Sem Terra hoje no Estado. Temos aqui agora a reestruturação da nossa regional. Tivemos ai o encontro regional [...] Estamos com 6 na direção regional e 18 que compõem a coordenação com setores: setores de educação, setores de formação, setores de produção, setores de frente e massa e setor de informação [...] Então a gente tá assim com o movimento aqui na Regional, estamos lutando para a reestruturação maior com o pessoal daqui da Reunidas.

Pretendemos aqui montar uma rádio popular até o mês que vem. Estamos ai buscando informação de como a gente pode montar essa rádio, apoio, né? E acredito que até o mês que vem essa rádio vai ser montada pelo setor de comunicação. O setor de produção também vai trabalhar esse ano a nível de Reunidos.

Então, com relação ao movimento estamos estruturando ele agora na Reunidas. Não é só do povo de Campinas, mas ele é agora do povo da Reunidas. Agora mesmo tá tendo um Encontro Nacional, tá sendo em Salvador [...] Então nós estamos ai, batalhando tendo em vista um Governo aonde não dá prioridade, nem sequer tem um mínimo de vontade de ajudar o pequeno produtor. Então hoje a política econômica tá feia em todo o país, né? Isso é muito triste, é muito doído saber que nas grandes cidades existe tantas crianças nas esquinas das ruas. Pedindo, né? Parando o carro e pedindo, miséria, né? E gritando por justiça. Enquanto que existem milhões e milhões de hectares de terra nas mãos de poucos. Enquanto muitos morrem de fome. É triste saber que existe mais de 32 milhões, né, de miseráveis, né? E saber que o país ainda é rico [...] É assim que tá acontecendo hoje no nosso país. Não existe uma política que seja a favor dos pequenos, dos pequenos agricultores, dos assalariados,

hoje só se vê desemprego, uma vergonha. Você só vê no Jornal Nacional, pessoas morrendo nas portas dos hospitais [...] Então, nosso país não tá sendo governado, ele tá caminhando desde o Collor, e desde antes de Collor, que o Brasil começou a ficar desgovernado. E eles acham que é na paulada, que é nos cacetetes é que vão resolver, é com bombas, que vão resolver o problema do país. Enquanto que tá muito fácil dele fazer, que é a distribuição da terra, a distribuição de renda. E isso não existe hoje!

E nós estamos organizando, lutando pra ficar organizados, organizar outras cooperativas, no estado, no país, porque se a gente não se unir as forças, seremos engolidos por esse monstro que tá aí que é o capitalismo! Que tá aí prá acabar mesmo com os pequenos trabalhadores.

O projeto de Lurdinha, que traduz o projeto grupal dos assentados hoje reunidos em torno da COPAJOTA, é um projeto para todo o assentamento e para outros trabalhadores que queiram entrar na luta pela terra. Mas a percepção da vida rural centrada na casa, aqui desaparece. A poética do espaço de Lurdinha é muito mais ampla, pois não envolve apenas o espaço familiar, mas todos os assentados da Reunidas e todos os trabalhadores em geral, que sonham com a terra como espaço de realização de cidadania. A poética dessa militante do MST é um sonho de mais justiça, que tem a Reforma Agrária como proposta central. Seu universo perdeu a delimitação do espaço centrado na casa, no lote, para ganhar uma outra dimensão, a luta pela terra para todos os excluídos. O “lugar” de Lurdinha é na terra, percebida como espaço de trabalho coletivo. O tempo de Lurdinha é repartido entre a sua participação no MST e o trabalho na terra. Este, pouco aparece em seu discurso, a não ser enquanto espaço de organização, de um projeto que é, como ela revela, um projeto moderno¹⁴, em que a reprodução do assentamento será garantida pelo trabalho de todos, o que inclui a formação dos jovens para uma agricultura moderna. Nessa concepção o “sonho socialista” que os trabalhadores portavam na chegada à terra, mescla-se com o sonho da viabilização econômica do assentamento como uma forma de alcançar uma vida mais digna:

E hoje então eu estou aí [...] Fazendo [...] nós temos cursos, né. A gente, não é porque hoje trabalha no campo, vive no campo que você não precisa ser formado, né? Nós hoje lutamos pela nossa formação, né. Formação de quadros. Nós precisamos de técnicos agrícolas, nós precisamos de engenheiro agrônomo, nós precisamos de contador, nós precisamos de administrador, que esteja fazendo uma administração de empresas, voltada para nossas necessidades. Enfim, nós precisamos de advogados e a gente precisa de professores, a gente precisa de quadros dentro do Assentamento. E nós vamos batalhar pra isso! Nós precisamos morar com dignidade!

A nossa perspectiva como cooperativa é a gente avançar! Não é ficar aí [...] como nos tempos antigos não! Só porque a gente hoje tá no campo, existe às vezes pessoas que pensam que a gente não precisa avançar, ficar na enxada. Não é isso! Nós precisamos ter as nossas estruturas que venha beneficiar! Nós

¹⁴ Não pretendo, aqui discutir se o projeto socialista formulado pelo grupo de Campinas é realizado na Cooperativa, ou se ela é um típico empreendimento capitalista. Para uma dimensão desse tema, vide D’Aquino (1994).

precisamos de telefone, nós precisamos de computador, nós precisamos de uma boa máquina de escrever, nós precisamos de, de [...] coisas boas, pra gente trabalhar. Não é assim que os grandes vivem hoje? Eles têm, não têm, tudo isso? Os pobres do campo hoje é preciso se organizar e ter vida digna. Ter casa com dignidade pra morar. Então nós estamos batalhando pra isso. Hoje o que nós temos ainda é pouco, né? Nós vamos batalhar pra gente conquistar muito mais. Mas, não só pra mim, mas coletivo, (através de) trabalho profissional em cooperativa. E isso o povo tem que se organizar! Ao ocupar a terra, já tem que ir consciente da ocupação, mas consciente da organização pra permanecer na terra!

Nesse momento, passa a falar a militante, numa fala muito distinta da fala de Néia e de Dona Teresinha, para quem a oposição ao capitalismo é diluída na construção da autonomia no lote. Estas últimas não entram em relação de oposição direta ao jugo capitalista do qual buscaram libertar-se na busca de terra para trabalhar por conta própria. Na fala de Lurdinha, a oposição ao capital está extremamente revelada:

Nosso lema é “OCUPAR, RESISTIR E PRODUZIR” e a “REFORMA AGRÁRIA É UMA LUTA DE TODOS!” Por isso nós, como assentados, do Movimento Sem Terra, nós conclamamos ao pessoal da cidade que se una a nós. Porque a Reforma Agrária é uma luta de todos, campo e cidade! Precisamos de nossos quadros no assentamento. Mas precisamos também dos quadros da cidade. Mas que defenda, né, com capacidade, com inteligência a nossa luta e não a luta do capitalista, do oportunista, né, o latifundiário, mas com as nossas cabeças. Que é para o bem de todos e não de um.

Hoje a nossa luta lá assim, né? Ficamos felizes quando as pessoas assumem a nossa bandeira, vestem a nossa camisa e dizem: “Eu sou do Movimento Sem Terra! Estou na luta pela terra, pela Reforma Agrária!” Porque pode ser que ela seja a principal solução da fome no país, pode ser que ela não seja a principal, mas ela é uma dos principais. Que vem acabar com essa fome, com essa miséria que existe hoje na grandes cidades. E é por isso que lutamos pela Reforma Agrária!

A dedicação à fala das três mulheres escolhidas, moradoras de três agrovilas diferentes e com trajetórias distintas, revelou o acerto da escolha da história de vida como instrumental para captar os momentos de transformação. Elas revelam a trajetória da luta e a construção da nova vida na terra (POLAK, 1986). Mostram também que as diferenças significativas do ponto de vista da construção do novo modo de vida na terra guardam uma relação dialética com a percepção da família, da vizinhança, da coletividade e da totalidade.

Conquistado o novo espaço, a princípio amplo e não delimitado, ocupado pelo verde, as famílias assentadas constroem suas casas, retratos de muitos sonhos que se inscrevem no espaço como constelações.

Os que se concebem como sitiantes, arquitetam seus lotes e, sobre eles, as casas e os quintais, as hortas e os pomares, os chiqueiros, os galinheiros e as roças e,

mais ao longe, as cercas. A casa se abre para o lote sobre o qual se estende o olhar de prazer, de realização de segurança e de domínio. Olhar o que é “seu”, cuidar, esse é o sentido de morar no lote. Autonomia, intimidade e repouso estão na casa, nos jardins, nos canteiros [...] “A acolhida da casa é tão total quanto o que se vê da janela.” (BACHELARD, 1991) e o olhar, acostumado a olhar o miúdo da costura, o apertado do barraco urbano, o geométrico da cidade agora se espraia, olha longe e verde.

Os demais, os que moram nas agrovilas estendem seu olhar de modo diferente: da casa para a rua de terra e dela para os barracões da cozinha comunitária, de reunião, da pocilga, do viveiro de mudas, da escola e das roças, imensas roças de milho a perder de vista, que traduzem a realização do sonho de fatura para todos. Em contrapartida, nesse espaço amplo, o tempo encarcerado, controlado, da produção coletiva, que simboliza uma outra liberdade, a de organizar-se, conquistar a terra e produzir nela coletivamente. Um outro verde sobre o mesmo verde, um sonho socialista: “Quando as cumeeiras de nosso céu se juntarem, minha casa terá um telhado” (PAUL ÉLUARD, apud BACHELARD, 1991).

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A terra e os devaneios da vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BERGAMASCO, S. M.; FERRANTE, V. B.; D'AQUINO, T. Assentamento de trabalhadores rurais em São Paulo: a roda-viva de seu passado/presente. *Ciências sociais hoje*. São Paulo: Vértice: Revista dos Tribunais, 1990. p. 253-281.
- BERGAMASCO, S. M. P. P.; FERRANTE, V. L. S. B. (Coord.) *Censo de assentamentos rurais do estado de São Paulo*. Araraquara, 1995. Pesquisa multicampi, Unesp.
- BERTAUX, D. *Destinos pessoais e sociedades de classes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- BORGES, M. S. *Terra, ponto de partida, ponto de chegada: um estudo da identidade do trabalhador rural na luta pela terra*. 1989. (Mestrado em Sociologia Rural e Urbana) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1989.
- BOURDIEU, P. Pierre Bourdieu: sociologia. In: ORTIZ, R. (Org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática. 1983.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- _____. *Le sens pratique*. Paris: Minuit, 1980.
- BRESCIANI, M. S. Permanência e ruptura no estudo das cidades. In: Fernandes, A e M. A F. Gomes S. *Cidade e história: modernização das cidades brasileiras*. FAU-UFBA 1992.
- CÂNDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: J. Olimpyo, 1964.
- D'AQUINO, T. Trabalhadores assentados: identidade em construção. *Cadernos da Faculdade de Filosofia Ciências*, Marília, v. 1, n. 1, p. 109-131, 1991.
- _____. Achegas para a análise sociológica. In: JORNADA DE ESTUDOS JORNADA ANTONIO CÂNDIDO, 1990, Marília. *Anais...* Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, 1990.

- D'AQUINO, T. Trabalhadores assentados: o mito da terra revisitado. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 46, 1994, Vitória. *Anais...* Vitória 1994.
- D'AQUINO, T. O olhar de Maria Isaura sobre o rural: tradição e mudança. In: JORNADA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 5., 1994, Marília. *Anais...* Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, 1994.
- _____. Nas terras de Promissão: da luta à construção do lugar. In: FERRANTE, V. L. (Org.). Retratos de assentamentos. *Cadernos de Pesquisa*, Araraquara, ano 1, n. 1, p. 175-247, 1994.
- DURKHEIM, É.; FRIEDMAN, L. C. (Org.). *Socialismo: Émile Durkheim, Max Weber*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- ECHEVERRIA, J. M. A situação rural na América Latina. In: PRADO JUNIOR; C. et al. *A agricultura subdesenvolvida*. Rio de Janeiro: Vozes, 1969.
- ELIADE, M. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- ESTERCI, Neide et al. Assentamentos rurais: um convite ao debate. *Reforma Agrária*, Campinas, v. 22, n. 3, set./dez, 1992.
- GOMES DA SILVA, J. *Caindo por terra*. São Paulo: Busca vida, 1987.
- GORGEN, F. S. A; STEDILLE, J. P. (Org.). *Assentamento a resposta econômica da reforma agrária*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- GRAZIANO DA SILVA, J. *Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- GRZYBOWSKI, C. *Caminho e descaminho dos movimentos sociais ao campo*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- HABERMAS, J. Walter Benjamin critica concieciadora o critica salvadora. *Perfiles filosófico-político*. Madrid: Taurus, 1975.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- KRANTZ, F. (Org.) *A outra história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LOWY, M. *Ideologia e ciência social elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1992.
- MAFFESOLI, M. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MARTINS, J. S. *Caminhada no chão da noite*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- OLIVEIRA, A. U. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 185-206, set./dez. 2001.
- POLAK, M. Le témoignage. *Actes de la Recherche*, Paris, 1986.
- _____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1992.
- QUEIROZ, M. I. P. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Alfa-ômega, 1977.
- ROMEIRO, Oscar et al. (Org.). *Reforma agrária: produção, emprego e renda. O relatório da FAO em debate*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- SHANIN, T. (Comp.) *Campesinos y sociedades campesinas*. Fondo de Cultura Economica. México, 1979.
- SILVA, J. G. da. *Caindo por terra: crises da Reforma Agrária na Nova República*. São Paulo: Busca vida, 1987.

TAUBE, M. J. M. *De migrantes a favelados: estudo de um processo migratório*. Campinas: UNICAMP, 1986.

TELLES, V. S. A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo. *Tempo Social*, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 53-93, 1992.

TRIGO, M. H. B. *Ser e parecer: estudo de reprodução social no grupo cafeicultor paulista*. 1989. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências e História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

THOMPSON, E. P. Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial. In: THOMPSON, E. P. *Tradición Revuelta y conciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Critica, 1989.

_____. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VASCONCELOS, N. Lê corps, la maison e at la sexualidade. *Cahiers Sc. Fam. et Sex*, Paris n. 11, p. 105-128, juin 1987.

VOLVELLE, M. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WAGNER, C. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. *A saga do João sem terra*. Petrópolis: Vozes, 1989.

WOORTMANN, E. A árvore da memória. Brasília. *Série Antropologia*, Brasília, DF, n. 159, 1994.

WOORTMANN, K. *Com parente não se negueia: o campesinato como ordem moral*. Brasília, DF: UNB; Tempo Brasileiro, 1990. (Anuário Antropológico, 87).